



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**A ÁGUA COMO ELEMENTO SIMBÓLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM
LUGAR: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA
ANTÔNIO ALEIXO MANAUS-AM**

VIVIANE MENDES COUTO

MANAUS-AM
2026

VIVIANE MENDES COUTO

**A ÁGUA COMO ELEMENTO SIMBÓLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM
LUGAR: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA
ANTÔNIO ALEIXO MANAUS-AM**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEOG/UFAM, como requisito final para obtenção de título Mestrado. Área de concentração: Espaço, Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS-AM
2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C871á Couto, Viviane Mendes
A Água como elemento simbólico para a construção de um lugar:
memórias e vivências dos moradores do bairro Colônia Antônio
Aleixo Manaus - AM / Viviane Mendes Couto. - 2026.
91 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Amélia Regina Batista Nogueira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus - AM, 2026.

1. Espaço. 2. Lugar. 3. Vivências. 4. Pertencimento. 5. Água. I.
Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do
Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título

VIVIANE MENDES COUTO

**A ÁGUA COMO ELEMENTO SIMBÓLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM
LUGAR: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA
ANTÔNIO ALEIXO MANAUS-AM**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEOG/UFAM, como requisito final para obtenção de título Mestrado. Área de concentração: Espaço, Território e Cultura na Amazônia.

Aprovado em: 13 de março de 2026.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Amelia Regina Batista Nogueira
Presidente (PPGEOG/UFAM)

Profa. Dra. Helenice Aparecida Ricardo
Membro Titular Externo (FACED-UFAM)

Profa. Dra. Mircia Ribeiro Fortes
Membro Titular (PPGEOG/UFAM)

Assinatura

Documento assinado digitalmente
 AMELIA REGINA BATISTA NOGUEIRA
Data: 20/03/2026 16:44:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 HELENICE APARECIDA RICARDO
Data: 18/03/2026 18:44:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 MIRCIA RIBEIRO FORTES
Data: 19/03/2026 10:43:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Esta dissertação é dedicada a Deus e a toda a minha espiritualidade, presença invisível que me sustentou nos momentos de fragilidade e me guiou quando o caminho parecia incerto; dedico também a mim, que em meio às adversidades aprendi a permanecer, a reconhecer minhas limitações sem desistir de mim mesma e a transformar cada dor em travessia; e aos amigos e mestres professores, que foram mãos estendidas, palavra acolhedora e força compartilhada quando minhas próprias forças vacilaram. Como a água que inspira esta pesquisa e atravessa minha experiência, precisei aprender a contornar obstáculos sem perder a essência, a ampliar minhas margens para continuar fluindo e a compreender que viver é movimento é experiência sentida no corpo e na alma até desaguar, com consciência do caminho percorrido, no oceano infinito da vida.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus e à minha espiritualidade amiga. Sou profundamente grata às medicinas da floresta Ayahuasca, Rapé e Sananga que reconheço como expressão do sagrado encarnado na Terra. Elas me guiaram e me fortaleceram nos momentos em que acreditei que não conseguiria continuar trazendo luz, sabedoria e conhecimento sobre mim mesma e sobre o propósito deste estudo.

Honro todos aqueles que caminharam comigo desde o início da pós-graduação. À minha família, minha base e sustentação, especialmente aos meus pais e irmãos, por todo amor e apoio. Aos amigos que me estenderam a mão, em especial ao meu amigo e mestre Aldo Rodrigues de Lima, que esteve sempre ao meu lado; a Daniel Trindade, amigo; e aos queridos amigos Monik Alves Ramos e Pedro Marcos Mansour, que me incentivaram a iniciar esta jornada acadêmica.

Agradeço imensamente aos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, que me receberam com respeito e generosidade. Ao Sr. Edivaldo Barreto (in memoriam), minha eterna admiração. Grande idealizador e executor das ações de gestão da água e do CSELA (Centro Social Educacional Lago do Aleixo) não media esforços para realizar esse trabalho comunitário com dedicação e compromisso. Estendo minha gratidão a todos os entrevistados que contribuíram para a construção desta pesquisa.

Minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que possibilitou a realização e conclusão deste estudo. À minha orientadora, Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, que me orientou com sensibilidade, firmeza e sabedoria na construção deste trabalho.

E, por fim, minha gratidão à água presença viva que atravessa esta pesquisa e a minha própria existência. Não foi apenas objeto de estudo, mas experiência sentida, sopro, espelho e caminho.

Em seu curso silencioso, ensinou-me sobre o tempo; em sua fluidez, sobre entrega; em sua força invisível, sobre resistência e fé. A água toca a terra, molda as margens e, sem percebermos, também nos molda. Ao escutá-la no cotidiano dos moradores, escutei também a mim mesma.

Ela me ensinou a fluir, a confiar nos ciclos e a compreender que viver é estar em constante travessia. Que este trabalho, como a água, siga seu curso levando consigo memória, cuidado e transformação.

COUTO, Viviane Mendes. **A ÁGUA COMO ELEMENTO SIMBÓLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO MANAUS-AM**. 2026. 91f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2026.

RESUMO: A pesquisa titulada: A água como elemento simbólico para a construção de um lugar: memórias e vivências dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo Manaus-AM. Este estudo-pesquisa buscou compreender o processo de construção de um lugar a partir da água como elemento simbólico, articulando identidade e pertencimento nas experiências vividas pelos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo em Manaus, Amazonas. Considerando os conhecimentos que permeiam as vivências e memórias dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo. Para o desenvolvimento da pesquisa-estudo tivemos três objetivos, sendo que o objetivo Geral foi: Compreender a construção do lugar a partir das práticas simbólicas do elemento água, nas vivências e memórias dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, Manaus-AM. E os objetivos Específicos: a) Investigar a geo-história na apropriação do uso da água, na contribuição identitária e do pertencimento no processo da construção do lugar; b) Descrever a dimensão político-territorial no processo do uso da água por meio das memórias e percepções dos moradores; c) Entender a dimensão da posse e controle da água, por meio das relações humanas, como um processo de resistência dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo Manaus-AM. O estudo está ancorado na análise da categoria geográfica “lugar” permeada pela categoria espaço. Investigadas sob a perspectiva da subjetividade e das vivências dos moradores. Tendo como o teórico que embasa esse estudo, Tuan (2012). No primeiro capítulo abordou-se a construção da geografia-histórica do bairro Colônia Antônio Aleixo por meio da apropriação da água. O segundo capítulo compreende-se a partir das memórias, percepções e vivências dos moradores da Colônia Antônio Aleixo e suas relações com o elemento água, objetos e suas dramatizações para a construção de identidade e pertencimento ao lugar. E no terceiro capítulo, foi possível fazer a leitura das representações do mundo vivido através dos mapas mentais, analisando, interpretando os símbolos através das imagens, identificando como ocorreu o processo de construção do lugar por meio da identidade e do sentimento de pertencimento dos moradores. Para alcançar os objetivos traçados, optou-se por abordagem qualitativa fenomenológica, centralizada no construtivo do lugar visando a memória vivenciada por moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, em Manaus-Amazonas, focada na água sendo um elemento simbólico estruturante do lugar. Para desenvolvimento metodológico optou-se por pesquisa qualitativa exploratório, permeada por métodos fenomenológico captando a ideia central subjetivando a vivência, enfatizada pela a geo-história oralizada e narradas. Outros métodos, obtém-se por amostragem estratificada e demográfica, com moradores residentes no Bairro Colônia Antônio Aleixo, geograficamente, localizado na zona Leste da cidade de Manaus-AM, com moradores de 40 a 70 anos de residência. Este bairro tem o Lago do Aleixo, sendo um afluente da bacia hidrográfica do Rio Negro, no encontro com o Rio Solimões.

Palavras-chave: Espaço; Lugar; Vivências; Pertencimento; Água.

ABSTRACT. The research titled: Water as a symbolic element for the construction of a place: memories and experiences of the residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood, Manaus-AM. This study-research sought to understand the process of constructing a place through water as a symbolic element, linking identity and belonging in the experiences of the residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood in Manaus, Amazonas. Considering the knowledge that permeates the experiences and memories of the residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood. For the development of the research study, we had three objectives, with the general objective being: To understand the construction of the place through the symbolic practices of the water element, in the experiences and memories of the residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood, Manaus-Am. And the Specific Objectives: a) To investigate the geo-historiography in the appropriation of water use, in the identity contribution and sense of belonging in the process of place-making; b) To describe the political-territorial dimension in the process of water use through the memories and perceptions of the residents; c) To understand the dimension of water possession and control through human relationships, as a process of resistance by the residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood, Manaus-AM. The study is based on the analysis of the geographical category “place” intertwined with the category of space. They are investigated from the perspective of the residents' subjectivity and experiences. The theoretical foundation of this study is based on Tuan (2012). The first chapter addresses the construction of the historical geography of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood through the appropriation of water. The second chapter is understood from the memories, perceptions, and experiences of the residents of Colônia Antônio Aleixo and their relationships with the element of water, objects, and their dramatizations in the construction of identity and belonging to the place. And in the third chapter, it was possible to read the representations of the lived world through mental maps, analyzing and interpreting the symbols through images, identifying how the process of constructing the place occurred through the identity and sense of belonging of the residents. To achieve the set objectives, a qualitative phenomenological approach was chosen, centered on the construction of place with a focus on the memory experienced by residents of the Colônia Antônio Aleixo neighborhood in Manaus, Amazonas, with an emphasis on water as a symbolic element structuring the place. For methodological development, a qualitative exploratory research was chosen, permeated by phenomenological methods capturing the central idea by subjectivizing the experience, emphasized through oralized and narrated geo-history. Other methods were obtained through stratified and demographic sampling, with residents living in the Colônia Antônio Aleixo neighborhood, geographically located in the eastern zone of the city of Manaus-AM, with residents having lived there for 40 to 70 years. This neighborhood has the Aleixo Lake, which is a tributary of the Negro River basin, at the confluence with the Solimões River.

Keywords: Space; Place; Experiences; Belonging; Water

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
COSAMA	Companhia de Saneamento do Amazonas
CSELA	Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo
ECAE	Espaço Cidadão de Artes e Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MOHAM	Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase
ONGS	Organizações não Governamentais

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa de localização da área de estudo.....	20
FIGURA 02: mapa mental antes da desativação do leprosário.....	68
FIGURA 03: mapa mental depois da desativação do leprosário.....	68
FIGURA 04: localização das cisternas (complexo 11 de maio)	70
FIGURA 05: Localização do Lago do Aleixo.....	71
FIGURA 06: Estrutura do ECAE (terreno da igreja católica)	73
FIGURA 07: ECAE.....	74
FIGURA 08: atividades infantis.....	74
FIGURA 09: reforço escolar.....	74
FIGURA 10: palestras.....	74
FIGURA 11: projeto de música.....	74
FIGURA 12: projeto jiu-jitsu.....	74
FIGURA 13: Colônia Antônio Aleixo.....	75
FIGURA 14: Conj. Guilherme.....	75
FIGURA 15: Área do Buritizal.....	76
FIGURA 16: Poço Amazonas.....	76
FIGURA 17: Área externa Buritizal.....	76
FIGURA 18: Área externa Conj. Guilherme Alexandre.....	76
FIGURA 19: Raimundo Carvalho.....	82
FIGURA 20: José Lourenço.....	82
FIGURA 21: Sr. Borges.....	83
FIGURA 22: Cleudo Assunção.....	83
FIGURA 23: Edvaldo Barreto.....	83
FIGURA 24: Benedito Passos.....	83
FIGURA 25: Nildo Rocha.....	83
FIGURA 26: CSELA.....	83

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Quantitativo dos poços.....	77
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
METODOLOGIA	19
Procedimentos Metodológicos	20
ÁREA DE ESTUDO	21
A GEO-HISTORIAGRAFIA DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO NA APROPRIAÇÃO DA ÁGUA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO LUGAR.....	23
1.1 A contextualização da água e a contra essência humana a partir da letra da música Última chamada	23
1.2 A água como elemento vital para a vida.....	26
1.2.1 Colônia Antônio Aleixo e a água como elemento simbólico na construção do lugar.....	27
1.2.2 O uso e a gestão da água no bairro Colônia Antônio Aleixo	29
A DIMENSÃO POLÍTICO-TERRITORIAL DA POSSE E DO CONTROLE DA ÁGUA NA COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO: REPRESENTAÇÕES DA VIVÊNCIA, MEMÓRIA E PERCEPÇÕES DOS MORADORES DO BAIRRO COM O MEIO AMBIENTE	36
2.1 A água um estado físico-químico-natural que se materializa na experiência do sujeito com o mundo	36
2.1.1 O uso da água no bairro Colônia Antônio Aleixo: memórias e percepções dos moradores ...	39
O LUGAR DAS RELAÇÕES HUMANAS, DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO RECONSTRUÍDO, NO ENTRELAÇAMENTO COM A ÁGUA: O OLHAR DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO	64
3.1 A (re)construção do lugar.....	68
3.2 Os poços como elemento signifiante na identidade do lugar	77
3.3 O olhar dos moradores do bairro colônia Antônio Aleixo	80
REFERÊNCIA	89
ANEXO 1- ROTEIRO DAS ENTREVISTA REALIZADA EM CAMPO.....	90

INTRODUÇÃO

Este estudo-pesquisa buscou compreender o processo de construção de um lugar a partir da água como elemento simbólico, articulando identidade e pertencimento nas experiências vividas pelos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo em Manaus, Amazonas.

O bairro Colônia Antônio Aleixo tem como fenômeno marcante a presença da água, um furo do rio principal, o Rio Negro, conhecido como Lago do Aleixo, que adentra a porção territorial do bairro. Segundo Galvan (2003, apud Ribeiro, 2011), o bairro se formou em meados da década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, que ordenou a construção de 16 pavilhões para abrigar os nordestinos trazidos pelo governo com o objetivo de reativar os seringais da Amazônia, os chamados soldados da borracha. Após a partida desses trabalhadores, o local ficou abandonado, uma vez que a região era isolada e o trajeto até a cidade de Manaus era feito exclusivamente pelo Rio Negro.

A partir de 1949, a política de segregação compulsória tornou-se efetiva, e os portadores de hanseníase passaram a ser identificados e levados compulsoriamente pelo Estado para a Colônia Antônio Aleixo, onde permaneciam isolados para tratamento da doença.

Com o afastamento de suas famílias e a separação do lugar de vivência original, essas pessoas perdiam seus referenciais com os territórios que haviam construído ao longo de suas trajetórias de vida. Esse processo representava uma forma de violência e perdas não apenas materiais, mas também existenciais, pois, em sua grande maioria, não tinham a certeza da cura nem da possibilidade de retorno aos seus familiares e de reintegração à sociedade.

A segregação e a condução dessas pessoas para esse novo espaço marcaram o início do processo de criação de um lugar. A partir das vivências, das ações e das relações estabelecidas com esse ambiente, ele começou a adquirir definição e significado. Tuan (2013, p. 167) enfatiza que “o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significados”.

O acesso ao bairro se dá por via fluvial. Este estudo busca compreender justamente o elemento simbólico da água no processo de construção desse lugar. Os moradores possuem uma profunda relação com a água, tanto do lago quanto da água subterrânea. Desde o início da ocupação, já demonstravam uma maneira peculiar de gerir e se relacionar com esse elemento. Foi por meio dessa relação que se tornou

possível a construção desse lugar, pois, ao longo do tempo, desenvolveram uma história e um senso de identidade e pertencimento ao espaço, transformando-o em um lugar.

Outro ponto relevante para a construção desse lugar, e que merece destaque nesta discussão, é a situação de vulnerabilidade vivida por essas pessoas ao chegarem ao novo espaço. Refiro-me aqui à hanseníase, doença que as assolava nesse primeiro momento. Acredito que, antes mesmo de serem levadas para esse local e de sua concretização como um lugar físico, ele já existia no campo subjetivo dos indivíduos. Para que algo seja criado, antes de sua existência concreta, ele passa pelo campo do sentir, para, então, se manifestar na realidade. A fenomenologia permite captar essa subjetividade.

A relação entre os moradores se dava a partir de um ponto em comum: a doença, que os unia na criação desse lugar. A hanseníase gerava um estado de vulnerabilidade que, paradoxalmente, também contribuía para a construção do pertencimento. Tuan (2013, p. 168) afirma que “na doença, os adultos também conhecem a fragilidade e a dependência”.

A construção desse novo lugar tem início nesse momento de fragilidade e dependência, até mesmo antes da relação com o espaço e com o elemento simbólico da água. Acredito que esse seja o ponto de partida para a construção dos diálogos que configuram o lugar. A partir da gestão da água e das experiências vividas pelos moradores, constrói-se a identidade e o sentimento de pertencimento, fundamentais para a formação desse território.

Para o desenvolvimento da pesquisa e do estudo temos três objetivos, sendo que o objetivo Geral foi: Compreender a construção do lugar a partir das práticas simbólicas do elemento água, nas vivências e memórias dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, Manaus-AM. E os objetivos Específicos: a) Investigar a geo-históriografia na apropriação do uso da água, na contribuição identitária e do pertencimento no processo da construção do lugar; b) Descrever a dimensão político-territorial no processo do uso da água, por meio das memórias e percepções dos moradores; c) Analisar a dimensão da posse e controle da água, por meio das relações humanas, como um processo de resistência dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo Manaus-AM.

O estudo está ancorado na análise da categoria geográfica “lugar” permeada pela categoria espaço. Investigadas sob a perspectiva da subjetividade e das

vivências dos moradores. Tendo como o teórico que embasa esse estudo, Tuan (2013), afirmando que o “espaço” é uma noção mais abstrata que “lugar”: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Ou seja, o lugar é moldado pela identidade e o sentimento de pertencimento. Neste sentido, ainda segundo Tuan (2013, p. 199), ressalta-se que “O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, está: ‘lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção’. Este objeto estável pode ser uma montanha, um rio, uma torre, um monumento, um lago; quando visualizamos este objeto, começamos o processo de criação de lugar”.

No primeiro capítulo abordou-se a construção da geografia-histórica do bairro Colônia Antônio Aleixo por meio da apropriação da água. O segundo capítulo compreende-se a partir das memórias, percepções e vivências dos moradores da Colônia Antônio Aleixo e suas relações com o elemento água, objetos e suas dramatizações para a construção de identidade e pertencimento ao lugar. E no terceiro capítulo, foi possível fazer a leitura das representações do mundo vivido através dos mapas mentais, analisando, interpretando os símbolos através das imagens, identificando como ocorreu o processo de construção do lugar por meio da identidade e do sentimento de pertencimento dos moradores.

A *priori* o bairro Colônia Antônio Aleixo, possui uma peculiaridade em relação ao sistema de abastecimento de água. Sabe-se que a empresa Águas de Manaus detém a concessão dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário na cidade. No entanto, a Colônia Antônio Aleixo desenvolveu sua própria forma de abastecimento e gestão da água. O bairro não conta com os serviços da concessionária, possuindo um sistema de distribuição próprio, que se dá por meio de vários poços artesianos construídos e mantidos pela própria comunidade.

Diante dessa ausência de prestação de serviços pela concessionária, a investigação ocorre a partir dos conhecimentos que permeiam as vivências e memórias dos moradores, a fim de compreender como o processo de construção de identidade e pertencimento se deu por meio do uso da água. Para entender toda essa configuração de construção e apropriação do espaço, é necessário conhecer a história desse lugar, reconhecendo que a água, para esses moradores, é mais do que um recurso: trata-se também de um elemento simbólico que lhes devolve o direito não apenas de existir, mas de viver e impactar sua realidade.

Antes de se tornar um bairro, a Colônia Antônio Aleixo foi um leprosário que abrigava pessoas portadoras de hanseníase. Aqueles acometidos pela doença eram levados compulsoriamente ao local, onde permaneciam isolados sob os cuidados do Estado.

Todo esse processo de exclusão e isolamento fez com que essas pessoas perdessem sua identidade e pertencimento a um lugar. Era como se não existissem para a sociedade; sua existência era anulada pelo isolamento. Sua identidade passou a ser definida pela doença, deixando de ser João ou Maria para se tornarem apenas "hansenianos", constando nas estatísticas de uma enfermidade que precisava ser combatida e erradicada no Estado do Amazonas.

Neste sentido, esta pesquisa percorre as memórias, histórias e vivências desses moradores, com o objetivo de compreender como eles conseguem ressignificar toda essa trajetória de dor, transformando-a em um espaço de possibilidades e potências.

A água surge como ponto de partida para esse processo de ressignificação. Ela deixa de ser apenas um recurso e passa a se tornar um elemento simbólico de inclusão diante do isolamento a que foram submetidos nesse período. Logo após a desativação do leprosário, esses moradores deixaram de ser assistidos pelo Estado, passando a assumir integralmente a responsabilidade por suas vidas e sobrevivência em um espaço inóspito, sem qualquer estrutura urbana, como abastecimento de água, energia elétrica, sistema de esgoto e outros serviços essenciais ao desenvolvimento de um bairro.

Diante da ausência do Estado na oferta de infraestrutura básica, os moradores foram obrigados a desenvolver sua própria gestão da água em seu território. Com o apoio da igreja, construíram grandes poços artesianos comunitários e passaram a administrar e distribuir a água por toda a comunidade.

Esse movimento de autogestão gerou um sentimento de pertencimento a esse lugar, que, até então, era sinônimo de dor e isolamento. Os moradores começaram a atribuir novos significados às suas memórias e percepções. Nesse contexto, a água deixou de ser apenas um recurso e passou a representar a própria vida — uma vida que, no passado, lhes havia sido retirada pela doença. A água resgata o sentido da existência, pois carrega afetos e simboliza a importância do ser: *eu existo, eu faço parte, eu pertenço*.

Para essas pessoas, que passaram por um processo de anulação de sua identidade, a gestão comunitária da água tornou-se um mecanismo de resgate do sentido da vida, que havia sido perdido quando foram deslocadas compulsoriamente de seus lugares de origem. A água devolve os afetos e reconecta os moradores com sua própria existência, conferindo-lhes um significado sublime.

O filósofo Tales de Mileto afirmava que a água é o princípio de todas as coisas e que tudo está vivo e animado. Ele percebeu que, onde havia água, a vida florescia, enquanto em sua ausência, não havia existência. Segundo sua concepção, a água possui vida e movimento próprios.

Partindo dessa afirmação, segundo a qual onde há água há vida e onde não há água não há existência, torna-se evidente o simbolismo da água na manutenção da vida das pessoas desse território. Além de nutrir fisicamente, a água também nutre emocionalmente, devolvendo-lhes um sentido de vida que havia se perdido com o isolamento provocado pela doença.

A água que brota da terra por meio dos poços artesianos no bairro Colônia Antônio Aleixo irriga e nutre não apenas o solo, mas também a terra árida das emoções, devolvendo vida, sentimento de pertencimento e identidade ao lugar e às vivências de seus moradores.

Segundo Ponty (2011), “o espaço não é um ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”. Isso significa que o espaço não se limita a uma dimensão física, mas é algo construído pelos sujeitos a partir da experiência humana e de suas conexões relacionais com esse ambiente.

Dentro dessa perspectiva, a subjetividade e a essência dos fenômenos são compreendidas a partir das relações entre o espaço e seus sujeitos. Assim, refletir sobre a essência deste estudo significa considerá-lo como a potência universal de suas conexões, pois o espaço só existe se houver um sujeito que o construa. Como afirma Ponty (2011):

[...] ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como um ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte (Ponty, 2001, p. 328).

Esse fenômeno ocorre a partir das vivências desses sujeitos e das ações que desempenham no espaço e de tudo o que ele representa. Nesse contexto, a água

torna-se o elemento central na construção da identidade e no fortalecimento do sentimento de pertencimento do lugar.

Por meio do uso da água, essas pessoas ressignificam sua existência a partir de suas experiências e da forma como interpretam esse espaço. Dessa maneira, encontram sentido e propósito para continuar existindo no mundo, uma vez que sua identidade lhes foi negada pela política de isolamento compulsório imposta pelo Estado.

Compreender esse contexto é fundamental para captar a real intenção e a subjetividade envolvidas no processo de construção da identidade e do pertencimento desses sujeitos. A partir dessa realidade, a pesquisa se desdobrará em atividades e práticas que possibilitem uma compreensão mais profunda desse fenômeno social.

METODOLOGIA

Durante as visitas ao bairro Colônia Antônio Aleixo, foi estabelecido proximidade com as lideranças comunitárias e diversos moradores para obter dados primários e, para alcançar os objetivos traçados, optou-se por abordagem qualitativa fenomenológica, centralizada no construtivo do lugar visando a memória vivenciada por moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, em Manaus-Amazonas, focada na água sendo um elemento simbólico estruturante do lugar. Para desenvolvimento metodológico, optou-se por pesquisa qualitativa exploratório, permeada por métodos fenomenológico captando a ideia central subjetivando a vivência, enfatizada pela geo-história oralizada e narradas. Tangido por meios da coletividade, adequando-se, aos estudos coletivo e comunitária das periféricas urbanas.

Entre os procedimentos foi usado entrevistas semiestruturadas. Os resultados interpretados por amostragem estratificada e demográfica, com moradores residentes no Bairro Colônia Antônio Aleixo, localizado na zona Leste da cidade de Manaus-AM, moradores de 40 a 70 anos de residência. Este bairro tem o Lago do Aleixo, sendo um afluente da bacia hidrográfica do Rio Negro, no encontro com o Rio Solimões. As entrevistas, forneceram subsídio geo-histórico de elementos simbólicos de água, por meio de amostragem de 10 participantes, com faixa etária entre 40 a 75 anos. Os participantes, foram distribuídos entre nove pessoas do gênero masculino e uma do gênero feminino, remanescente do período que o bairro havia pessoas portadoras de hanseníase, porém a doença está estabilizada; dessas dez (10) pessoas

entrevistadas, três dos entrevistados do gênero masculino nunca possuíram a doença e uma entrevistada de 54 anos.

Sobre a utilização do método de entrevista, de acordo com Trivinos (1987), o método de entrevista semiestruturado consiste em questionamentos, em teorias e hipótese que permiti a flexibilidade, possibilitando novas hipóteses a partir das respostas dos entrevistados. Manzini (2004), ressalta que a entrevista semiestruturada é uma ferramenta que descreve, explica e compreende fenômenos sociais, frisando a ação ativa do entrevistador. A coleta de dados de campo, ocorreram por meio de agendamento para as entrevistas. Os dados secundários, foram adquiridos através de pesquisas bibliografia, (teses, dissertações, IBGE, documentos da associação de moradores), e teóricos que discutem a temática.

Procedimentos Metodológicos

1ª Etapa, pesquisa bibliográfica e documental: Essa etapa foi essencial, pois foram realizadas pesquisas em literaturas, por meio de revisão de livros, artigos, dissertações, teses e documento comunitário para os fichamentos e discussões teóricas referente ao título e a categoria geográfica “lugar” que fundamentou, embasando e delineando o estudo-pesquisa. Sobre a pesquisa bibliográfica Lakatos; Marconi (2003) afirmam que toda pesquisa pautada em bibliografia subsidia novas conclusões ou deduções por meio de informações existente.

2ª Etapa, dados secundários: Essa etapa foi realizada por meio do trabalho de levantamento documental sobre os poços comunitários do bairro Colônia Antônio Aleixo, em Manaus (AM). O acesso a esses documentos possibilitou a análise do processo da construção do lugar a partir da gestão comunitária da água, depois das informações, avançou-se para o trabalho de campo para a sistematização e, posteriormente para a análise dos dados coletados, destacados a partir na terceira etapa.

3ª Etapa, pesquisa de campo: A pesquisa de campo foi dividida em dois momentos: visitas e entrevistas, seguidas da construção de mapas mentais pelos próprios moradores.

3.1. Visita: Esta etapa já foi realizada através da visita *in loco*, registro fotográfico e o levantamento de dados e informações para a produção da dissertação.

3.2. Para as entrevistas semiestruturadas: Foram conduzidas 10 entrevistas com moradores antigos e recentes, além do gestor e ex-gestores dos poços comunitários e trabalhadores envolvidos na administração desse recurso hídrico.

4ª Etapa: Análise e interpretação de dados: Após a coleta dos dados, foram feitas as análises das entrevistas e dos mapas mentais elaborados pelos moradores. O objetivo foi a sistematização e organização das narrativas e dos dados cartográficos para a construção do lugar a partir do elemento água, norteada, por teóricos, documentos comunitários, memórias e vivências dos moradores do Bairro Colônia Antônio Aleixo em Manaus, Amazonas.

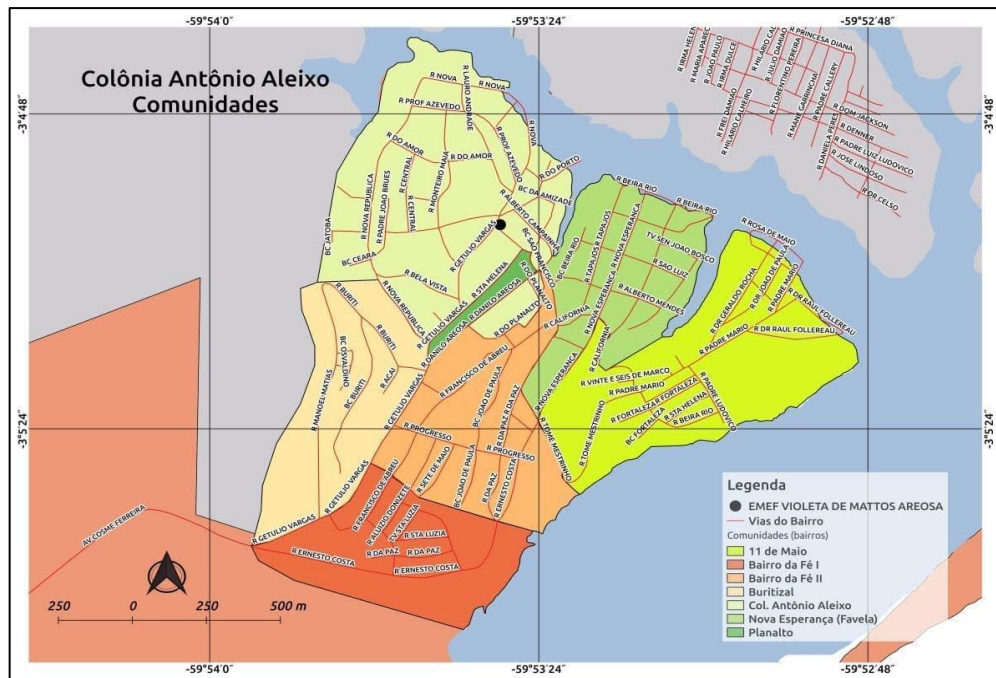
ÁREA DE ESTUDO

A Colônia Antônio Aleixo é um bairro localizado na zona leste de Manaus, a aproximadamente 35 km do centro da cidade, às margens do Lago do Aleixo e próximo ao Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões. Faz divisa com os bairros Distrito Industrial II e Puraquequara. O bairro está subdividido em dez áreas geográficas, chamadas de *complexos* pelos moradores. São eles: 11 de maio, Amine Lindoso, Bairro da Fé I, Bairro da Fé II, Planalto, Buritis, Morro (Conjunto Guilherme Alexandre), Colônia Antônio Aleixo, Nova Esperança e Bela Vista.

A pesquisa foi realizada nos complexos 11 de maio, Bairro da Fé I, Bairro da Fé II e Colônia Antônio Aleixo. A população do bairro é estimada em aproximadamente 25 mil habitantes, de acordo com o último Censo de IBGE 2022, sendo que cerca de mil são ex-hansenianos.

Grande parte da população vive em situação de vulnerabilidade social, enfrentando desafios como desemprego, moradias em áreas de risco, violência e tráfico de drogas. A maioria depende de benefícios de programas sociais para sua subsistência. Além disso, muitos serviços básicos, como saúde, transporte, saneamento, educação e cultura, funcionam de maneira ineficaz ou, em alguns casos, são inexistentes no bairro. Na figura 01, o mapa da área dos quatros complexos relacionado ao objeto pesquisado.

Figura 01. Mapa de localização da área de estudo



Fonte: IBGE (2023). **Elaboração:** a autora (2024).

CAPÍTULO I

A GEO-HISTORIAGRAFIA DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO NA APROPRIAÇÃO DA ÁGUA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Música: Última chamada

Preste atenção essa é a última chamada
Do coração ouça o clamor que vem das águas
Estou cantando nessa aldeia e ninguém parece ouvir
Estou chorando minhas flores no jardim
Estou rezando minhas flores e ninguém parece ouvir
Estou curando minhas flores no jardim

Jardim das flores que eu tanto abençoei
Em suas dores quantas vezes lhe reguei
Porque não segues meu chamado
Por que não vens para mim
Estou chamando minhas flores no jardim
Ouça o canto abençoado que eu canto para ti

Estou chamando minhas flores no jardim
Para os seus lábios enviei meu beija-flor
Para ouvir meu canarinho cantador
Que é mais branco que a lua
Canta em casa e na rua
Mesmo assim você parece não ouvir
Ouça o canto abençoado que eu canto para ti

Estou chamando minhas flores no jardim
Essa é a hora linda flor
A hora é essa
Olha pra luz e veja aquela porta aberta
Vê se atende meu chamado
Para Deus diga que sim
E para sempre ser a flor do meu jardim
Ouça o canto abençoado que eu canto para ti
E para sempre minha flor, ser meu jasmim. (Ale de Maria, 2022)

1.1 A contextualização da água e a contra essência humana a partir da letra da música Última chamada

Iniciar o primeiro capítulo com esta música é trazer um pouco do meu sentir, das minhas percepções, por meio da arte e da poesia musical. Dardel (2015, p. 3) chama a atenção para a “presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz; a linguagem do geógrafo, sem esforço, transforma-se na do poeta”. Nada como a presença e a consciência plena de todos os nossos sentidos para transformar um geógrafo em um poeta da vida.

Vida essa que pulsa e deseja ir além de uma geografia exata e objetiva, sem, contudo, perder o rigor científico e a importância dos métodos que a ciência nos oferece para a sustentação das teorias. O fundamentalismo científico nos auxilia nessa jornada, mas, muitas vezes, nos endurecemos na interpretação dos fenômenos

a partir dos dados, deixando de enxergar o que há por trás dessas informações e de todas as variáveis. Assim, passamos despercebidos pela essência do observador. Dardel (2015, p. 3) enfatiza que “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante”.

Aqui relembro minha própria infância e da relação que tinha com o lugar e com os fenômenos que ali ocorriam. Gostava de observar e conversar com meu pai sobre os desmoronamentos de terra, tão frequentes no local onde morávamos. Meu pai não era um estudioso, apenas um operário industrial, mas, tendo passado a infância no interior, desenvolveu uma relação direta com a natureza e observava as dinâmicas dos fenômenos.

Sempre ao final da tarde, conversávamos sobre tudo. Em especial, ele falava sobre as possíveis formas de contenção dos desmoronamentos de terra, pois nossa casa corria o risco de desabar. Uma das estratégias que ele sempre mencionava era o plantio de árvores, pois acreditava que suas raízes segurariam o solo e impediriam a formação de buracos, que seria a degradação do pavimento urbano. Lembro-me de como ficava irritado quando alguém cortava as árvores dos barrancos, pois já sabia que o deslizamento seria inevitável.

O interessante ao lembrar esses momentos durante a produção desta dissertação é perceber como as leituras que embasam este estudo dialogam diretamente com essa geografia vivida e experienciada. Meu pai não tinha formação acadêmica em geografia, mas detinha o conhecimento empírico e a experiência direta com o espaço.

Dardel (2015), enfatiza que “O espaço geográfico não é apenas superfície. Sendo matéria, ele implica profundidade, numa espessura, numa solidez ou numa plasticidade” (Dardel, 2015, p.14), sendo que os aspectos que não são percebidos apenas pelo intelecto, mas que emergem de uma experiência primitiva: “resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, busca algo como uma substância terrestre ou que, se contradizendo, a ‘irrealiza’ em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades” (Dardel, 2015, p.14).

É com essa geografia que se dialoga ao longo deste estudo: a geografia dos sentidos, dos símbolos, das vivências. Neste sentido, segundo Oliveira (2009), essa geografia dos sentidos, dos símbolos e das vivências, são expressões que remetem,

no que se enfatiza, as percepções de mundo no sentir, no ouvir e na visão. Acrescenta-se assim,

A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito; através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, ele chega a esquecê-los, assim como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar. [...] Sempre solidária a uma certa tonalidade afetiva (Dardel, 2015, p. 34).

Partindo dessa tonalidade afetiva, a música nos revela um problema em nossa relação com a natureza. Podemos encará-lo como mais um impasse sem solução ou perceber que a resposta já está contida no próprio problema. Talvez a solução resida justamente em nossa disponibilidade para enxergá-lo não a partir do medo e do desespero, mas a partir de um estado de consciência e ação. O ser humano precisa aprender a ouvir e a ver os sinais de desordem e desequilíbrio que têm nos assolado e, a partir disso, promover os ajustes necessários para restaurar a ordem e o equilíbrio no planeta.

A última chamada vem desse lugar de reflexão, um estado meditativo sobre as nuances que não conseguimos perceber no nosso modo de vida atual. Nossa desconexão com o todo, nossa arrogância em não aprender com a natureza e com seu sistema de cooperação e coletividade, têm levado o planeta ao adoecimento. Todos os dias, a terra, as águas, o clima clamam por mudanças, mas não conseguimos perceber que somos extensão de todos esses elementos. Como em um jogo de dominó, basta que uma única peça caia para que todas as outras ao seu redor sejam impactadas.

Vivemos em um sistema onde todos estamos conectados, estamos dentro, e não fora, da natureza. Somos sua extensão, e não uma parte separada. Enquanto os demais seres do planeta vivem na cooperação e no equilíbrio, seguimos na contramão, imersos na individualidade e no desequilíbrio. Como diz o provérbio hindu: “Os rios não bebem sua própria água, as árvores não comem seus próprios frutos, as nuvens não bebem sua própria chuva. O que os grandes possuem é sempre em benefício dos outros”.

Nesse sentido, a música nos convida a uma mudança de estilo de vida. Apesar de todas as evidências, científicas ou não, nosso modo de viver é insustentável, e a cada ano os desequilíbrios tornam-se mais evidentes. A comunidade científica tem plena consciência disso e tenta alertar de todas as formas. Estratégias são

elaboradas, planos, acordos e tratados são discutidos e reafirmados em cada conferência ambiental, mas pouco avançamos na efetivação dessas medidas.

Estamos estagnados, incapazes de fluir para o bem comum. O egoísmo, a ganância e a busca incessante pelo poder impedem nosso avanço rumo ao equilíbrio do planeta. Ao contrário, geramos mais caos e destruição com o passar dos anos. Olhar para esse cenário nos traz desesperança e a sensação de que estamos caminhando para o fim do mundo. Ailton Krenak (2019), em *Como adiar o fim do mundo*, enfatiza que, para adiar esse desfecho, precisamos contar mais uma história. Enquanto preservarmos nossas histórias e memórias, retardaremos esse fim. O sistema nos faz acreditar na iminência do colapso para que, resignados, não façamos nada. Krenak (2019), em sua fala, nos convida a resistir e a continuar narrando nossas histórias e as de nossos ancestrais.

Essa é a última chamada. Precisamos ouvir o clamor que vem das águas. Precisamos mudar a rota, refazer o caminho, compreender que não somos donos de nada neste planeta; somos apenas tutores, cuidadores desses elementos, somos extensão deles. Tudo está em nós. É necessário ressignificar a posse, não como um direito de propriedade para exploração e lucro, mas como um vínculo de pertencimento e responsabilidade. Se não cuidarmos, perecemos junto.

Precisamos resgatar nosso poder, fortalecendo o senso de pertencimento e valorização de nossas histórias, redescobrimo o prazer de nos relacionarmos com a natureza. Já temos tudo de que precisamos; basta cuidarmos. Esse cuidado só será possível quando resgataremos modos de vida sustentáveis, que funcionam na coletividade. Apenas uma gestão baseada no coletivo pode sustentar esse equilíbrio. Enquanto insistirmos em soluções individualizadas, desconectadas da natureza, seguiremos contrariando seu próprio ritmo. Somente no sistema de cooperação poderemos encontrar um caminho viável; do contrário, nossas ações estarão fadadas ao fracasso.

1.2 A água como elemento vital para a vida

Partindo desse pensamento, vamos contar a geografia-história dos moradores da Colônia Antônio Aleixo. Daremos voz às suas vivências e experiências. Aqui, sou apenas uma contadora de histórias, pois os verdadeiros protagonistas são eles. Sem eles, essa pesquisa sequer existiria.

A ciência já comprovou, inúmeras vezes, a importância da água para a vida no planeta Terra. Claro que há outros fatores essenciais, como a temperatura e a presença de oxigênio na atmosfera. No entanto, não é necessário insistir longamente sobre a centralidade da água no espaço geográfico. Como afirma Dardel (2015, p. 19): “[...] lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal: o deserto, a superfície árida dos platôs calcários sugere naturalmente a ideia de morte”.

Partindo dessa evidência, torna-se evidente que a água será, cada vez mais, pauta de debates, conflitos, disputas e reivindicações de posse, dado seu grau de importância. Sem água, a vida é impossível. Nosso próprio corpo é composto por cerca de 70% de água, desde os primeiros instantes da concepção — quando o espermatozoide encontra o óvulo — até o nascimento. Durante os nove meses de gestação, somos nutridos e protegidos dentro de uma placenta repleta desse líquido precioso.

Ao nascer, o ser vivente depende da água, um dos elementos essenciais para a sobrevivência. Nos primeiros seis meses de vida, seja pelo leite materno ou por fórmulas artificiais, a água é o principal veículo de nutrientes essenciais. Compreender a importância desse elemento é fundamental para entendermos o contexto deste estudo, pois ele se inicia justamente com as águas do Rio Negro, que margeiam toda a extensão territorial do bairro Colônia Antônio Aleixo.

1.2.1 Colônia Antônio Aleixo e a água como elemento simbólico na construção do lugar

Tudo começa com a chegada dos primeiros moradores, pessoas acometidas pela hanseníase. A construção desse lugar se dá por meio das vivências e experiências dessas pessoas, que enfrentaram o isolamento forçado, imposto pela doença. Esse isolamento não era apenas físico, mas também social e simbólico. A hanseníase causava uma morte existencial: uma vez diagnosticado, o indivíduo era condenado à exclusão e à rejeição quase inevitáveis. O medo e a vergonha pairavam sobre aqueles que recebiam o diagnóstico, bem como sobre aqueles que conviviam com eles. Era como se, ao serem diagnosticados, tivessem sua sentença decretada. Tuan (2015, p. 139) discorre:

A integridade do corpo é o alicerce da nossa sensação de ordem e completude. Quando adoecemos, também parece que o mesmo acontece com o mundo. De uma certa forma a hanseníase não se dava só no corpo do doente, mas em todo o mundo à sua volta. Pois com ela eram obrigados a se isolarem e eram afastados da sociedade, quanto mais distante melhor era

para combatê-la. "A doença obriga a pessoa a dirigir sua atenção para a hostilidade do mundo (Tuan, 2005, p. 140).

Assim, um corpo saudável morria e nascia um corpo doente, carregando consigo todos os seus significados, simbolismos e o peso da exclusão social. Aprender a se relacionar com esse novo corpo doente e com o mundo que ele habitava era desafiador, pois, apesar de a doença estar presente, o corpo permanecia vivo. No entanto, na mente, era como se já estivessem mortos. Muitos, inclusive, ansiavam pela morte, não pelo fim da vida em si, mas pela incapacidade de lidar com a dor do esquecimento de uma existência saudável. "Quando fechamos os olhos e morremos, o mundo também cai no esquecimento" (Tuan, 2005, p. 140). O esquecimento de quem foram, representava a verdadeira morte para essas pessoas.

Diante desse contexto de exclusão e isolamento, esses indivíduos eram conduzidos a locais afastados da sociedade. Essa prática já era comum desde os tempos mais antigos. "Na Idade Média, os leprosários eram construídos fora da cidade e situados a favor do vento sempre que possível" (Tuan, 2005, p. 157). Em Manaus, não foi diferente: o leprosário foi construído fora da cidade, de modo que a água utilizada pelos doentes não contaminasse o rio que abastecia a capital. Na entrevista realizada com o Sr. Barreto (62 anos), ele relata que, antes da criação do leprosário no bairro Colônia Antônio Aleixo, os hansenianos eram encaminhados para Paricatuba localizado no município de Iranduba, margeada pelo Rio Negro, a cerca de 30 a 40 km de distância de Manaus, no Estado do Amazonas. No entanto, como essa localidade ficava próxima ao Rio Negro, principal rio que abastecia Manaus, temia-se uma possível contaminação da água, pois a área onde os doentes ficavam alojados situava-se em uma descida até o Rio Negro.

Dessa forma, as pessoas portadoras da hanseníase foram transferidas para o bairro Colônia Antônio Aleixo, que apresentava condições ideais para a construção dos leprosários, atendendo aos critérios de afastamento e isolamento da cidade de Manaus. O acesso ao bairro se dava exclusivamente pelo rio, com a entrada pelo furo do rio principal no Lago do Aleixo.

A água, nesse contexto, assume um significado simbólico profundo. Ela conduzia essas pessoas a uma nova jornada de vida — não a vida desejada, mas a possível naquele momento. A imagem das águas do rio e sua relação com a condução para esse novo espaço marcam um ponto de interesse que permeia o inconsciente na construção desse lugar. Tuan (2013, p. 199) enfatiza que "quando olhamos uma cena

panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse". Esse processo de percepção pode ser consciente ou inconsciente, mas inevitavelmente repousa na mente e se revela no processo de construção do espaço vivido.

A água, assim, torna-se um elemento simbólico, um objeto significativo e um pretexto para a formação desse lugar. É a base para as manifestações das experiências mais íntimas daqueles que ali habitam. "O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (Tuan, 2013, p. 167). As relações estabelecidas no processo de construção desse lugar giram em torno da simbologia da água, que, por sua própria natureza, carrega movimento e transformação. "A água corrente, porque é movimento e vida, aplaina o espaço" (Dardel, 2015, p. 20).

Além disso, a água também representava liberdade para essas pessoas, pois simbolizava a fluidez e a possibilidade de retorno aos seus antigos lares. Durante o período de isolamento, o único contato com o mundo exterior se dava através do Lago do Aleixo. Segundo Tuan (2013, p. 11), "o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro".

Diante desse contexto, torna-se evidente que a água é um elemento essencial neste estudo, sendo fundamental para compreender a relação entre a formação do bairro Colônia Antônio Aleixo e a construção do sentimento de pertencimento de seus moradores. A análise desse elemento nos fornece bases e caminhos para aprofundar o entendimento sobre a identidade desses indivíduos e a construção desse lugar no imaginário e na realidade.

1.2.2 O uso e a gestão da água no bairro Colônia Antônio Aleixo

A questão da água, desde os povos antigos, sempre foi tema de grandes conflitos e disputas territoriais. As primeiras civilizações começaram a se fixar ao longo dos rios, pois estes supriam as necessidades de sobrevivência e impulsionavam o desenvolvimento econômico e social.

Os seres humanos e os animais, afluem ao longo dos vales e dos solos úmidos. Segundo Dardel, (2015, p. 20), "As cartas demográficas mostram, de uma maneira impressionante, a concentração de habitantes ao longo da costa, na Provença, na Bretanha ou na Noruega, e as casas situadas ao nível das linhas de drenagem, como ocorre na região parisiense".

Esse fenômeno de habitação próxima aos rios também ocorreu com os moradores da Colônia Antônio Aleixo. Ribeiro (2011, p. 86) descreve que "nas

proximidades da Colônia, às margens do lago, também havia hansenianos com autorização para construir casas, onde podiam morar depois de casados. Esses, geralmente, trabalhavam a terra no plantio de mandioca e maracujá".

Essa citação evidencia a relação entre o homem e a proximidade do rio, que não se limitava apenas à moradia, mas também à utilização desse espaço para o desenvolvimento econômico e a garantia da sobrevivência. Embora o Estado fornecesse moradia, alimentação e serviços básicos de infraestrutura, tais recursos eram precários e insuficientes para atender às necessidades econômicas da população. Dessa forma, muitos hansenianos precisavam trabalhar para melhorar sua qualidade de vida. A grande maioria exercia atividades ligadas à pesca, ao cultivo agrícola, à produção de farinha e o carvão, sendo que, toda essa produção era escoada pelo lago por meio dos atravessadores, uma vez que os hansenianos não podiam sair da Colônia para comercializar seus produtos fora dali.

Ribeiro (2011, p. 80) relata que, na Colônia, esses indivíduos buscavam sobreviver à doença, ao isolamento e às dificuldades impostas por uma economia fechada, baseada no trabalho isolado ou na cooperação ocasional. Desenvolviam atividades como pesca, cultivo de roças, plantação de maracujá, produção de farinha e criação de porcos e gado em pequena escala.

Em outro momento, Ribeiro (2011) destaca a relação desse comércio realizado pelas águas do lago:

Esta relação entre os produtores e o atravessador se constitui numa relação de desigualdade e de exploração, pois os preços dos produtos eram ditados pelo atravessador, que na maioria das vezes pagava um valor ínfimo. Estando o produtor à mercê deste atravessador, não havendo alternativa a não ser subjugar-se, visto que a população não compraria os produtos deles próprios. (Ribeiro, 2011, p. 80).

Assim, evidencia-se a relação do homem com a água, especialmente no caso das pessoas que moravam na Colônia. Esse fenômeno se manifesta ao longo da história, com diversos registros que comprovam a importância dos rios para o desenvolvimento das sociedades. A água sempre esteve presente no imaginário humano e, nesse contexto específico, sua relevância já é bastante evidente. No entanto, o objetivo deste estudo não é descrever a história da água ao longo das civilizações, mas, sim, destacar o simbolismo desse elemento e sua significação para as pessoas, bem como sua relação com o processo de construção da identidade e do pertencimento ao lugar.

Dardel, em sua obra *O Homem e a Terra*, salienta que o espaço não é apenas material, mas também aquático. O espaço aquático, que é o foco deste estudo, carrega um forte simbolismo dentro da perspectiva da geografia humanista e fenomenológica. A partir desse simbolismo, este estudo busca compreender o significado da água para os moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo.

Com a criação do leprosário, logo após o decreto de segregação compulsória, os hansenianos eram levados para esse novo espaço. A infraestrutura do local ficava sob responsabilidade do Estado, porém os serviços básicos oferecidos à população hanseniana eram extremamente precários. As moradias possuíam estruturas inadequadas, e os serviços de abastecimento de água e fornecimento de energia elétrica eram bastante limitados.

Em especial, no que se refere ao abastecimento de água, Ribeiro (2011) afirma:

A Colônia possuía um centro de captação de água, com uma central de abastecimento, que funcionava na dependência do gerador de energia. Segundo os antigos moradores, quando o gerador apresentava problemas de funcionamento, a água era retirada do lago e consumida in natura, sem qualquer outro tipo de tratamento. Acreditavam que a água do lago, mesmo tendo a coloração escura, era limpa e não representava risco à saúde. (Ribeiro, 2011, p. 86).

Percebe-se, a partir desse contexto, que a água possui um valor simbólico significativo para essas pessoas. Desde a moradia próxima ao lago, concedida após a constituição do casamento pois, antes disso, os hansenianos eram abrigados nos galpões, divididos entre os pavilhões das alas masculina e feminina, a água representa, mais uma vez, o início de uma nova vida. Esse processo se dá tanto pela constituição da família quanto pela construção do lar, que simboliza segurança e pertencimento. Como aponta Tuan (2013, p. 176), “o lar é um lugar íntimo” e, para essas pessoas, era também um espaço onde encontrariam cuidado, amor e afeto aspectos que antes não tinham nos pavilhões. O autor reforça essa ideia ao afirmar que “os seres humanos são únicos entre os primatas por terem o sentido do lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos” (Tuan, 2013, p. 168).

Dessa forma, o simbolismo da água se manifesta na constituição familiar e na busca por segurança, que lhes havia sido retirada com a segregação compulsória. Resgatar essa segurança proporcionada pela família é fundamental para a construção da identidade e do pertencimento no mundo, pois é através de nossas origens que nós reconhecemos e identificamos nossas particularidades. Assim como uma árvore

sem raízes não tem vida, os seres humanos, quando privados de referências sobre sua ancestralidade, também perdem parte de sua identidade.

Outro aspecto a ser destacado no simbolismo da água é a sua gestão pelos próprios moradores. Desde o início, o abastecimento de água não era garantido pelo Estado e, quando fornecido, era extremamente precário. Conforme mencionado anteriormente, a água era captada por bombas e, quando estas queimavam, os próprios moradores precisavam retirar a água diretamente do lago para seu uso. Esse processo evidencia a construção de uma relação funcional e simbólica com a água, na qual ela passa a ser um elemento central em suas vidas.

A água assume um papel essencial na ressignificação da existência desses indivíduos, que, num primeiro momento, vivenciaram uma espécie de morte simbólica, sentindo-se sem propósito para continuar vivendo. Talvez, para muitos, a morte física parecesse a solução para pôr fim à dor imposta pela segregação. Entretanto, o que merece destaque é a resistência dessas pessoas ao longo de sua trajetória. Apesar de todas as adversidades, elas não se deixaram vencer, reinventando-se e renascendo quantas vezes fosse necessário. Nesse contexto, a água se transforma em um símbolo de resistência, força e vida.

No processo de construção de um lugar, Tuan (2013) aponta que é necessário um elemento que o torne significativo. O autor destaca que “as esculturas têm o poder de criar uma sensação de lugar pela sua própria presença física. Um único objeto inanimado, inútil em si mesmo, pode ser o centro de um mundo” (Tuan, 2013, p. 200).

Em entrevista, Sr. Barreto (2024) relata que: “A captação de água do lago, no primeiro momento, era conduzida a um grande reservatório, chamado por eles de cacimbão. Esse reservatório distribuía água para os galpões dos leprosários e para a redondeza. A captação, distribuição, manutenção das bombas e limpeza eram realizadas pelos próprios moradores”.

Após a desativação dos leprosários em 1979 e com o crescimento da população, surgiu a necessidade de ampliação dos serviços de abastecimento de água. Os moradores chegaram a solicitar diversas vezes a prestação desse serviço à concessionária responsável pelo abastecimento da cidade de Manaus na época, a Cosama, mas nunca obtiveram retorno.

O Sr. Barreto afirma que “mesmo com a desativação dos leprosários e do controle maior da hanseníase ainda pairava o medo do contágio e o preconceito pelas pessoas e das empresas, por esse motivo as empresas não atendiam às solicitações

dos serviços, em sua fala, afirma que naquela época ir trabalhar na Colônia era considerado um castigo, uma punição pois além de ser longe, ainda existia todo esse estigma”. Tuan (2005, p.303) relata em sua obra “Paisagem do medo” de que “algum medo de contágio provavelmente sempre existiu, especialmente quando eram visíveis as feridas”.

Com a desativação da Colônia em meados da década de 1970, o crescimento populacional foi inevitável, ao menos três mil novos moradores de acordo com o último censo de 2022. Essa população em 2026, possui a estimativa de 20.178 habitantes tendo um crescimento de 21,54%, de acordo com o parâmetro do censo do IBGE de 2010. A desassistência estatal, motivou os moradores da Colônia, a reunir-se e decidiram construir grandes poços comunitários. Os primeiros poços a serem construídos foram: o poço Amazonas e o poço do Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA), na comunidade 11 de Maio.

A documentação do projeto denominado “Água para todos na comunidade 11 de Maio”, construído pela comissão e administração do poço comunitário CSELA mostra como ocorreu esse processo. Como destacado no documento do CSELA (2008):

A primeira iniciativa do CSELA na época administrada pelo saudoso Pe. Lodovico foi à perfuração de um poço artesiano localizado no bairro 11 de maio sede do CSELA, com intuito de iniciar um projeto piloto de distribuição de água residencial que mais tarde seria expandido para todas as outras comunidades (CSELA, 2008, s/p).

Neste mesmo período surgiam mais sete comunidades todas com necessidade de abastecimento de água canalizada, com a colaboração de comunitários, igreja católica, ONGs locais e internacionais foram perfurados dezessete poços com objetivo de levar água para a população. Com o desafio de administrar e servir a todos os bairros, Pe José Maria sucessor de Pe. Lodovico Crimela, organizou pequenas comissões em cada bairro, que ficaram responsáveis pela manutenção, administração e serviço de qualidade (CSELA, 2008, s/p).

Hoje em toda Colônia Antônio Aleixo existem oito comissões com seus respectivos escritórios que prestam serviços de manutenção dos poços, distribuição de água por horário, arrecadação de uma taxa mensal para pagamento de pessoal e investimento e monitoramento da água consumida com análise a cada seis meses (CSELA, 2008, s/p).

Conforme, Tuan (2013), o objeto inanimado no contexto apresentado são os poços comunitários. Eles criam seu próprio espaço e, por conseguinte, contribuem para a construção do lugar. A partir das intenções e sentimentos, os moradores visualizam esse processo de criação. Tuan (2013, p. 200) enfatiza que “o ser humano pode dirigir um mundo porque tem sentimentos e intenções. [...] Apesar de uma

estátua ser um objeto em nosso campo de percepção, parece ter criado seu próprio espaço.” No nosso caso, a “estátua” seriam os poços comunitários, criados e administrados pelos próprios moradores. Ao visualizá-los, os habitantes passam a atribuir sentido e significado àquele espaço, que até então não estava estabelecido desde sua chegada.

A construção dos poços devolveu a eles um lugar, perdido com a segregação e o isolamento. A partir das relações estabelecidas com objetos inanimados e animados, os moradores experimentam um vínculo íntimo com o espaço. A gestão da água se torna um fenômeno que proporciona essa vivência da criação de um lugar.

Para Tuan (2013, p. 217), “os lugares humanos se tornam muito reais por meio da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos”. É evidente como os protagonistas desta pesquisa dramatizaram no palco da vida: diante de uma realidade marcada pela escassez de afetos e sentimentos, acometidos por uma doença devastadora, arrancados de seus lugares de origem e conduzidos a um espaço hostil, sem estrutura básica de sobrevivência e privados de liberdade, ainda assim conseguiram construir um novo lugar em um espaço originalmente criado para a reclusão e o isolamento.

Com o tempo, a resistência e as experiências vividas, cada ação desenvolvida e cada relação estabelecida com a água e sua gestão contribuíram para o fortalecimento do apego, da afeição e do sentimento de pertencimento. Esse processo, mesmo que inconsciente, consolidou a identidade dos moradores em relação ao lugar.

Nesse sentido, o tempo e as interações foram fundamentais para a construção desse lugar. A intensidade dos acontecimentos e o estreitamento das relações criaram um ambiente propício à formação dessa identidade. Como mencionado no início deste estudo, o foco principal não é a relação com a água em si, mas os vínculos e propósitos estabelecidos nessa interação com o espaço. O apego e o pertencimento não se limitam ao espaço físico e seus elementos; são, sobretudo, construídos a partir das pessoas que deram sentido a essa trajetória. Os poços e a água não perdem sua importância nesse cenário — pelo contrário, eles são elementos visuais que concretizam essa realidade e servem como referência. São pré-requisitos para a construção de um lugar, mas, isoladamente, sem a presença humana e suas

interpretações, não possuem significado. Afinal, é o homem que dá sentido aos elementos do espaço por meio de seus diálogos e experiências com eles.

Dardel (2015, p. 22) afirma que “[...], mas é ao homem, antes de tudo, que se dirige a escrita movente das águas. Ele é o único ser para o qual pode ter um significado. Sem a presença do homem, o mar não passa de um eterno monólogo”. Ou seja, para que haja dramatização e, conseqüentemente, a existência de um lugar, são necessários elementos e objetos simbólicos, além das pessoas, que atribuem sentido e significado a eles. Assim como em uma peça teatral, onde o palco, os elementos do cenário e os atores são indispensáveis para a encenação e o desenvolvimento dos diálogos, no processo de construção de um lugar, os indivíduos constroem suas identidades e atribuem significados ao espaço que os cerca.

O estabelecimento da identidade e do pertencimento a um lugar também ocorre por meio dos afetos e do reconhecimento do outro. De certa forma, o outro se torna um “lugar” ou um “lar”. Contudo, essa ideia nem sempre é aceita de imediato. Tuan (2013, p. 170) destaca que “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem seus significados, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” Tuan (2013, p. 171). Assim, este estudo conduz os protagonistas e seu enredo, entrelaçando elementos simbólicos, objetos, dramas e interpretações, na construção desse lugar que antes não existia.

CAPÍTULO II

A DIMENSÃO POLÍTICO-TERRITORIAL DA POSSE E DO CONTROLE DA ÁGUA NA COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO: REPRESENTAÇÕES DA VIVÊNCIA, MEMÓRIA E PERCEPÇÕES DOS MORADORES DO BAIRRO COM O MEIO AMBIENTE

Flor das Águas

Flor das águas
De onde vem, para onde vai
Vou fazer minha limpeza
No coração está meu pai

A morada do meu pai
É no coração do mundo
Onde existe todo amor
E há um segredo profundo

Este segredo profundo
Está em toda a humanidade
Se todos se conhecerem
Aqui dentro da verdade
(Mestre Irineu)

2.1 A água um estado físico-químico-natural que se materializa na experiência do sujeito com o mundo

Relembro que no início de minha carreira como professora, desenhava no quadro um boneco representando o homem e, ao lado, o mundo. Esse boneco estava fora, separado, e eu explicava aos alunos que o homem intervém na natureza para retirar dos recursos naturais, produtos conforme suas necessidades. Atualmente, percebe-se o quanto essa imagem traduzia uma compreensão fragmentada da existência.

E ainda, quando iniciei essa pós-graduação em Geografia, em 2023, um processo de mudança começou a se desenhar. Os estudos tiveram início em março daquele ano e, logo em seguida, em 29 de abril de 2023, consagrei-me na medicina da Ayahuasca. Desde então, fazem dois anos que sigo nesse caminho. Isso está intrinsicamente ligado ao sentimento e percepções de mundo vivido e sentido.

Naquele momento, foi possível perceber que antes só conhecia a geografia dos livros e que, a partir dali, havia conhecido uma geografia do sentir e da vivência. Foi quando tudo começou a fazer sentido e a transformar a maneira como se pode enxergava a vida.

A medicina da floresta foi uma forte aliada na compreensão de um olhar diferenciado para a vida de forma integrada, e não dicotomizada.

De outra forma, ao utilizar o hino Flor das Águas, do Mestre Irineu, é a materialização desse sentimento. Em uma sessão de Daime, percebi algo se movendo profundamente em meu interior. A letra e a melodia não eram apenas escutadas, mas sentidas pelo corpo inteiro, como se cada célula vibrasse em ressonância com cada palavra e cada som. Não havia separação entre mente, corpo e mundo, tudo se apresentava em unicidade, em um grande entrelaçamento.

Merleau-Ponty (2011) afirma:

A música não está no espaço visível, mas ela o mina, o investe, o desloca; em breve, esses ouvintes muito empertigados, que assumem o ar de juízes e trocam palavras e sorrisos, sem perceber que o chão se abala sob eles, estarão como uma tripulação sacudida na área de uma tempestade (Merleau-Ponty, 2011, p. 303).

Nesse entendimento, a música não rivaliza com o espaço; sujeito e o mundo compartilham a mesma pretensão ao ser total. Eles se entrelaçam na vivência, na vida que acontece.

O hino Flor das Águas traz uma visão profundamente simbólica da água, encarnada no sentir de quem o compôs. A água não se apresenta apenas como um estado físico-químico ou um recurso natural, mas como um ser vivo nas percepções, que se materializa na experiência do sujeito com o mundo.

Iniciar este capítulo com esse hino é reconhecer a grandeza que a temática exige, pois aqui tratou-se das vivências e percepções dos moradores que, por meio das entrevistas, ajudaram a construir este lugar e esta pesquisa. Adentrar o mundo vivido dessas pessoas é entrar em um espaço sagrado. E tudo o que é sagrado pede beleza. O hino traduz essa dimensão ao revelar a água não apenas como recurso, mas como expressão do corpo no mundo em sua totalidade.

Na água habita um segredo profundo e esse segredo é a unicidade. É a integração de todas as coisas. O ser antrópico se torna existente na relação entre os elementos da natureza; ou seja, não estamos fora dela, somos parte. Somos um só, vivenciando experiências, nomeando e atribuindo sentidos à nossa existência.

Quando se começa a compreender que a nossa existência não se sustenta na individualidade e que é necessário realizar uma limpeza interna de crenças e paradigmas que exaltam o individualismo como modelo de sucesso no mundo contemporâneo, abre-se espaço para a continuidade da vida. Caso contrário, se perecerá na escassez.

Ao se retornar ao essencial, ao que nos une, permitimo-nos fluir como a água, a própria vida se revela e acontece.

As aprendizagens ao longo desse estudo-pesquisa, ensina que, assim como a água que flui e contorna os obstáculos e se molda às suas margens e leito conforme seu fluxo, assim também, se aprende a fluir na vida e transbordar para o mundo o sentimento verdadeiro.

Quando este estudo foi iniciado havia uma rigidez engessada, somente os olhos físicos separados do corpo, da percepção, da vivência no início da pesquisa só conseguia enxergar o que estava na superfície, no caso em questão a gestão da água que os moradores realizavam. Conforme vivenciava o estudo, foi possível perceber que não se tratava somente da gestão da água, a água não era, para eles, somente um recurso ou algo físico-químico, mas é algo que vive dentro deles, e que, através da experiência vivida se manifesta, por meio das suas percepções e interações com o corpo e o mundo.

Sendo assim, “O corpo está no mundo assim como o coração, o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (Ponty, 2011 p. 273).

Nesse sentido, se percebe que na abordagem de Ponty (2011) não existe essa separação que o intelectualismo traz na visão cartesiana de um mundo pronto e o sujeito observante e que o mundo só passa a existir a partir do pensamento reflexivo, reafirmando que:

O sujeito da percepção permanecerá isolado enquanto não soubermos evitar a alternativa entre o naturante e o naturado, entre a sensação enquanto estado de consciência e enquanto consciência de um estado, entre a existência em si e a existência para si (Ponty, 2011 p.281).

Retornemos então à sensação e observemo-lo de tão perto que ela nos ensine a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com seu mundo.

Este capítulo inicia-se com o pensamento da percepção do sentir, trazendo para ele a beleza da essência da unicidade do entrelaçamento do pensar e da vivência não mais separada pelo intelectualismo, mas a partir do “Eu” transcendental que busca o sentido de todas as coisas.

Diante disso, “O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção” (Ponty, 2011, p. 279). Sendo assim, não existe separação dos acontecimentos e da percepção, elas são uma coisa só que acontecem na experiência do mundo vivido.

E dentro dessa perspectiva este capítulo busca compreender não só o objeto em si do estudo-pesquisa, mas a experiência do mundo vivido dos seus verdadeiros autores, os moradores do bairro da Colônia Antônio Aleixo.

Neste sentido, “O sujeito perceptivo é lugar dessas coisas” (Ponty, 2011, p. 279). Sendo que o seu corpo é seu próprio lugar encarnado através das suas vivências, ele existe mesmo antes da reflexão no estado de consciência a consciência já está presente na vivência independente da reflexão sobre o fenômeno.

Percebe-se que isso é fundamental para entender a subjetividade que há por trás desse fenômeno, a água como elemento simbólico para a construção de um lugar. Mas que lugar seria esse? No primeiro momento pensava na construção física estrutural do bairro Colônia Antônio Aleixo, ao longo da pesquisa percebi que existia um lugar para além do estado físico, um lugar subjetivo que se materializa através das vivências de cada pessoa que se relaciona com a água, ela passava a existir não só na materialidade como elemento natural, mas nas memórias e vivências desses moradores, trazendo de volta algo que havia sido retirado, o lugar da existência, do existir no mundo.

2.1.1 O uso da água no bairro Colônia Antônio Aleixo: memórias e percepções dos moradores

A partir desse contexto das vivências, adentramos agora nas falas dos autores deste estudo. Iniciaremos com Edivaldo Barreto dos Santos, 62 anos, a primeira pessoa entrevistada. Foi honroso conhecer esse ser humano e ouvir cada palavra, sobretudo o sentir que permeia seu discurso. Essa experiência foi marcada profundamente, pois permitiu perceber a sua relação existencial e vivida com o lugar.

Sua forma de ser e estar no mundo revelou-se fascinante: ele sentia com o corpo, e não apenas com a mente. Cada palavra proferida continha vida e sentido, e conhecer sua história e os fenômenos por ele vivenciados era como enxergar o mundo a partir de cada sentido. Seu sentir manifestava-se como uma tela refletida, na qual cada personagem e experiência ganhavam vida, na peça teatral da vida real.

Ponty (2011) afirma que,

Aquele que sente e o sensível não estão um diante do outro como dois termos exteriores, e a sensação é o sensível naquele que sente. [...] e nessa troca entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê sentido ao outro (Ponty, 2011, p. 288).

O mundo não se dá fora do meu “Eu”, ele acontece dentro do ser humano. É dentro do meu “Eu” que o mundo se faz, tanto o sujeito quanto o sensível se entrelaçam entre si na vivência no mundo. Não existe o “Eu” fora, mas o que passa e se vê naquilo que está dentro. Primeiro se senti o mundo, através dos sentidos, e depois classifica-os. Importante, não somente ver o mundo, mas olhá-lo através dele, a partir da própria presença e da identidade adquirida.

Essa compreensão se manifestou, de forma concreta, através da entrevista com o Sr. Edivaldo Barreto dos Santos, cuja forma de estar no mundo revela exatamente esse entrelaçamento entre o sujeito e o sensível. Sua chegada na Colônia foi por volta de 1979, logo após a desativação da Colônia de leprosários.

Algumas pessoas moravam no flutuante e começaram a adentrar para o interior da Colônia Antônio Aleixo; o primeiro espaço a ser ocupado ficava próximo às margens do Lago do Aleixo, após a ocupação desse espaço os moradores deram nome de comunidade 11 de Maio em 1979. Recebeu este nome, referente ao dia que ocuparam esse espaço. Logo após a ocupação o Sr. Edivaldo Barreto dos Santos, chega na comunidade e consegue ocupar um terreno onde estabelece moradia até o fim dos seus dias. Falecendo no dia 03 de outubro de 2025, infelizmente não estará presente quando essa dissertação for concluída. Mas seu legado será eternizado nas memórias dos moradores e, por meio deste estudo.

Em umas das suas falas o entrevistado relembra de que forma o bairro foi sendo ocupado. O preconceito das pessoas era presente, eles eram estigmatizados por conta da hanseníase, e por conta disso, os serviços básicos não eram ofertados para a população, especificamente, no caso da água e, outros serviços de urbanismos. De acordo com o senhor Edvaldo, não somente os serviços básicos eram indisponibilizados, mas também a mão de obra para trabalhar nos atendimentos de saúde, escola e outras prestações de serviços. Segundo o senhor Edivaldo Barreto “As pessoas que eram destinadas a trabalharem na Colônia Antônio Aleixo era uma punição, o servidor não tinha dado certo em lugar nenhum então era destinado a trabalhar na Colônia Antônio Aleixo como castigo”.

É o que Tuan (2005) afirma que: “As pessoas temiam o doente tanto quanto os suspeitos de estarem doentes” (Tuan, 2005, p. 166). O medo pairava na atmosfera do bairro e por falta de conhecimento e ações de políticas públicas os moradores ficavam deixados à própria sorte, no entanto, mesmo em meio a desassistência pública eles resistiram e criaram seus próprios mecanismos de sobrevivência. Para Tuan (2005,

p.140), “a doença obriga a pessoa a dirigir sua atenção para a hostilidade do mundo”. Sendo assim, essas pessoas sentiam, literalmente, a hostilidade que o mundo personificado no ser humano proporciona.

Na idade média as cidades procuravam se defender isolando os doentes. Um regulamento promulgado em 1374 ordenava que todos os doentes “fossem levados da cidade para o campo, para morrer ou se recuperar ali” (Tuan, 2005, p.158). Logo, percebe-se que essa atitude não foi diferente com as pessoas com hanseníase na cidade de Manaus, isolando os seres humanos na área rural de Manaus para morrerem ou, se “curarem”, no bairro Colônia Antônio Aleixo.

Tuan (2005) afirma que.

Quando adoecemos, também parece que o mesmo acontece com o mundo. Quando fechamos os olhos e morremos, o mundo também cai no esquecimento. O corpo é nosso cosmos mais íntimo, um sistema cuja harmonia é sentida em vez de percebida simplesmente pela mente (Tuan, 2005, p. 139).

Percebe-se que por conta da doença as pessoas viveram uma experiência de morte existencial, por mais que estivessem vivas fisicamente seu corpo estava morto para a sociedade, isso demonstra que não sentimos somente pela mente lógica e racional, mas o corpo sente e percebe o mundo antes mesmo da racionalização.

É através do sentir no corpo e pelo o que acontece dentro do ser humano que o mundo ganha forma, direção e sentido. O que se observa fora não é o que vemos de fato, apenas é refletido o que o mundo interior já foi sentido. É o algo que se nomeia conforme a experiência interior que se dá através do corpo.

O Sr. Edivaldo Barreto, 62 anos era prova que por mais que não entendesse, de forma analítica a ciência dos fatos, ele vivenciava as experiências do mundo e, ninguém poderia descrever e interpretar os acontecimentos naquele lugar vivido por eles. Isso acontece porque o espaço é existencial, ele é sentido, não apenas percebido, assim quando adoecemos, o mundo adoece conosco, porque o mundo habitado, também, se altera. O corpo em equilíbrio faz com que o mundo também seja ordenado; o corpo em dor distorce o próprio espaço.

2.1.2 Representação dos poços de água comunitários como objeto de construção do lugar.

Dentro do contexto do mundo vivido, o Sr. Edivaldo Barreto vivencia experiências da coletividade em que começa a trabalhar junto aos outros e a Igreja

católica na construção de poços artesianos na comunidade 11 de maio, logo após a desativação do leprosário, e a chegada do Padre Ludovico Crimela em 1980, sendo um dos idealizadores da construção de poços junto com a comunidade, com a finalidade de proporcionar um abastecimento de água de qualidade para a comunidade. Pois, até então, só havia um cacimbão onde a água que ficava armazenada era puxada através de uma bomba do Lago do Aleixo sem qualquer tratamento para o consumo.

Mediante esta realidade, os moradores se uniram a um propósito dando um novo significado a sua existência, através das relações estabelecidas entre eles e a construção de poços. Seus corpos saem de um sentir desequilibrado e desordenado do mundo e começa a sentir um corpo equilibrado e ordenado. E conforme essa transformação interior acontecia dentro deles, o espaço ganhava forma, direção e sentido e água entrelaçava essa nova forma e direção na construção desse lugar, não só lugar físico, mais o lugar existencial, transcendental, que vai além das percepções humanas e adentra o mundo do sentir.

Assim como a própria água é a vida acontecendo na vivência também são as pessoas nessa dissertativa Geo-histórias, na qual, a água contorna os obstáculos e flui na direção que a vida se movimenta, contornando os obstáculos, bem como os autores dessa narrativa contornavam os obstáculos e as adversidades deixando a vida fluir e seguindo seu curso natural da vida.

É nesse curso natural que se encaminha as ações para o abastecimento da água na comunidade. Muitas ações foram se consolidando no meio do caminho. As parcerias se apresentavam para a expansão desse projeto para todo o bairro Colônia Antônio Aleixo. A forte aliada, foi a Igreja católica junto com o primeiro padre da comunidade, o padre Ludovico Crimela, que estava à frente do projeto. Segundo Barreto (2024), “O padre fechou parceria com um grupo de Italianos que destinavam recursos financeiros, empresas e maquinários para a construção dos poços junto com a comunidade”.

Conforme os poços foram sendo construídos, criavam-se também as comissões para administrar os poços tanto na parte logística e administrativa, quanto no abastecimento e distribuição de água na comunidade. Segundo o Sr. Barreto (2024), quando um morador necessitava de abastecimento de água em sua residência, se dirigia até a sede administrativa do Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA), sendo este pertencentes ao Serviço Comunitário de água do

Bairro 11 de Maio, e fazia a solicitação de ligação da água. A partir disso, era estabelecido o valor do serviço que incluía tubos para água, caixa d'água e a mão de obra para a instalação. O morador tinha a opção de pagar parcelado ou à vista pelos serviços prestados. Depois do estabelecimento do serviço de água na moradia, eles pagavam, mensalmente, uma taxa de contribuição simbólica, que atualmente está estabelecida no valor de R\$ 40,00 para a manutenção e distribuição da água no bairro.

A partir da entrada do dinheiro e das doações também da igreja católica, foi possível a construção de novos projetos sociais, um deles foi o Espaço Cidadão de artes Educação (ECAE), esse projeto funciona no espaço da Igreja Católica onde atende crianças em vulnerabilidade social, voltada para a capacitação profissionalizantes através de cursos, esportes, artes e aula de reforço para crianças com necessidades especiais.

Atualmente, atende 492 crianças de segunda-feira a sexta-feira pelo turno matutino e vespertino. As crianças recebem os serviços prestados no projeto que estão matriculadas, recebem lanche e atendimento especializado oferecido no espaço da igreja católica.

Esse projeto conta, também, com um ônibus que oferece transporte para as crianças se deslocarem de suas casas até o local de suas atividades extras curriculares, sendo assim, o dinheiro das contribuições junto com as doações da Igreja Católica mantém o projeto até o presente momento.

O Serviço Comunitário de água do Bairro 11 de Maio (CSELA), sua sede administrativa, emprega 11 pessoas com carteira assinada, onde as mesmas trabalham na parte administrativa, manutenção e distribuição da água. Até o presente momento, 2026, a comunidade 11 de Maio conta com 6 poços administrados pelo CSELA e mais 6 poços na comunidade Bela Vista no bairro Puraquequara.

Se percebe que a experiência vivida do Sr. Barreto é significativa, pois ele vivencia a relação do corpo com o lugar e se apropria dos elementos contidos nele, ele experiencia o que a natureza tem a oferecer e com o seu sentir desenvolve mecanismos para gerenciar o recurso da água para atender à necessidade dos moradores daquele lugar.

Neste sentido Ponty (2011), afirma que:

Constatamos pela primeira vez, a propósito do corpo próprio, aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos (Ponty, 2011, p.205).

O corpo e o espaço não são distintos, não estão separados, o espaço só existe porque o corpo sente, se move, toca, olha. Toda essa relação construída com o espaço no bairro Colônia Antônio Aleixo retrata bem o que Ponty (2011) aborda nessa citação, O espaço é vivido pelo corpo, a partir da nossa experiência. Referente ao espaço vivido, Lefebvre (2013), enfatiza um tripé que contempla o espaço concebido, percebido e vivido, no que tange o vivido, é o que é subjetivamente experimentado pelo sujeito.

O corpo é a base de toda a percepção, o corpo é um veículo que se move pelo o mundo, o mundo é uma noção abstrata, ele é uma entidade que não existe, o mundo existe através de nós, das nossas vivências e experiências, o mundo é um universo de sentidos em que interpretamos, nomeamos e simbolizamos através da relação horizontal que acontecem nas relações.

Nos casos do Sr. Barreto e demais moradores, no decorrer dessa pesquisa, percebeu-se que a água entra como um elemento simbólico, pois ela não traduz a experiência, ela é a própria experiência em forma sensível. Seus autores sentem e vivem seus sentimentos e relações através dela, ela se torna existente através das vivências.

No momento de tristeza, o Sr. Barreto fez sua passagem, deixou sua matéria, mas sua consciência vive através das suas vivências no bairro Colônia Antônio Aleixo. Ele não deixou de existir nesse mundo, como citado anteriormente, o mundo é uma noção abstrata que passa a existir quando nos movemos na horizontalidade, nele o corpo registra memórias e histórias e vive a partir dessas vivências. O Sr. Barreto só mudou de forma, ele vive em outra forma, no campo sensível e subjetivo. Quando se olha para o lago do Aleixo e o centro comunitário CSELA, ali ele está presente, lembrando-nos de que vale a pena lutar. E voltando a entrevista, o Sr. Barreto finaliza a sua fala com a frase: “O bem nos faz bem!”.

Outro protagonista é o senhor Cleudo Assunção Souza, 56 anos a fala desse entrevistado marcou bastante a sua entrevista. Ele chega no bairro Colônia Antônio Aleixo por volta de 1984, vindo de Anori, município de Manaus, Amazonas, encontra neste bairro uma oportunidade de dar um destino diferente a sua vida, após receber o diagnóstico de hanseníase com 15 anos de idade, seu pai envia-o para Manaus em busca de tratamento e, ao chegar no hospital Alfredo das Matas ele se depara com uma realidade desagradável aos seus olhos, ele viu pessoas mutiladas pelas consequências das doenças e sentiu muito medo e temor de ficar ali naquele lugar,

pois a priori, como ele não morava em Manaus, iria ficar no alojamento do próprio hospital.

No momento da entrevista, ele dar uma pausa e começar a chorar. lembrando desse momento e diz com a voz embargada que entendia o preconceito das pessoas em relação a hanseníase, pois não era uma cena fácil de ver uma pessoa mutilada pela a doença, ele era apenas um jovem e viu ali o que a doença poderia fazer com ele e ficou em estado de choque naquele momento.

Para Ponty (2011, p. 258), o sentido das palavras é considerado como dado com os estímulos ou com os estados de consciência que se trata de nomear, a configuração sonora ou o articular da palavra é dada com os traços cerebrais ou psíquicos, a fala não é uma ação, não manifesta possibilidades interiores do sujeito: o homem pode falar do mesmo modo que a lâmpada elétrica pode torna-se incandescente.

Neste sentido, percebe-se na fala e nas palavras do entrevistado que as condições vivenciadas por ele, naquele lugar, traduzem o que a fala e a formação das palavras não surge de um pensamento interno, mas de toda uma situação concreta das suas vivências no mundo. No momento que ele fala sobre seus medos e lembra das pessoas mutiladas é perceptível uma situação concreta que aconteceu naquele instante que ele relembrou do fato, não pensamos e depois nomeamos na mente, primeiro vivenciamos a experiência no corpo, nas vivências no mundo e depois as palavras se formam e expressamos na fala.

Não estamos no mundo, somos o mundo. Ele existe a partir das nossas vivências e o corpo é nosso veículo nessa jornada. Existe um mundo acontecendo através dele, nossas percepções e ações é imprimido nele e é transmitido diretamente para a nossa mente pensante e não ao contrário, não penso e logo existo, mas vivo, sinto e logo existo.

O Sr. Cleudo Assunção Souza, 56 anos é um exemplo vivo desse estudo fenomenológico. Sem formação científica, o mesmo possui uma sensibilidade e vivência de administração e gestão. De outra forma, sem desmerecer o saber científico e os métodos, todos são válidos, mas não se deve fechar os olhos para o campo invisível, para o subjetivo e para o essencial.

Ao longo da entrevista ele aborda sua chegada no bairro Colônia Antônio Aleixo por volta de 1984, após o atendimento no hospital e sem ter para onde ir, uma enfermeira viu seu sobrenome e percebeu que tinha um outro paciente que fazia

tratamento no hospital e identificou que o mesmo era tio do entrevistado, partindo dessa informação a enfermeira entrou em contato com esse tio e os dois se encontraram e logo o Sr. Cleudo, 56 anos foi convidado a morar na residência do tio no bairro Colônia Antônio.

Inicia-se então sua jornada de vivências no bairro Colônia Antônio Aleixo, o mesmo começou a trabalhar na gestão da água no bairro, se torna gestor dos poços artesianos ao longo de 16 anos nos complexos: Colônia Central, Fé 1 e 2, e atuando por mais 6 anos como presidente da associação de moradores. Segundo ele, por muitas vezes deixava de cuidar da família para cuidar da administração dos poços, fala com orgulho que cuidava dos poços como se fosse seus filhos, de domingo a domingo sem feriado. Uma vida dedicada à gestão da água.

Em um momento da sua entrevista, muito emocionado, ele relata o quanto se sentia importante no bairro, que a Colônia era para ele sinônimo de liberdade e que tinha devolvido a sua vida de volta, lembrando que ficava em cima de uma caixa d'água no ponto mais alto do bairro e olhava e pensava - eu ajudei a construir isso aqui eu faço parte de tudo isso, eles precisam de mim.

A doença tinha tirado tudo de mim, acreditei que ficaria como aquelas pessoas mutiladas e morando ali no hospital, mas o bairro Colônia Antônio Aleixo me trouxe a minha vida de volta a esperança de viver, a doença já tinha me levado tudo minha família, meu lar, meus amigos e minha dignidade de viver, me sentia que não tinha valor, mas quando comecei a morar na Colônia eu ganhei uma nova oportunidade de viver novamente, aqui refiz minha vida, construí uma família, uma casa, um trabalho e voltei a existir, aqui era igual a todos, fiz meu tratamento e graças a Deus não fiquei mutilado, sou muito grato por essa comunidade ter me recebido (Sr. Cleudo em depoimento).

Durante o período que esteve como gestor, construiu 7 poços, através de uma gestão participativa no qual acontecia por meio de uma comissão que era composta por moradores e beneficiários do sistema de água. Nesta comissão eram tomadas decisões, demandas do abastecimento e prestações de contas.

Dentro do relato do entrevistado é perceptível sua ligação com o lugar e, principalmente, a sua percepção em relação a ele e o elemento água. Esse elemento entra como um elemento simbólico nessa integração dele com esse espaço, simbolizada na relação comparada na interação entre um pai e um filho. É como ele se enxerga, um só ele e água e tudo o que ela proporcionou para ele. A água devolve algo que tinha se perdido com a doença, sua identidade, ele se sentia excluído e não visto pela sociedade, a partir do momento que ele começa a cuidar dessa questão,

ele se ver novamente como um ser humano, resgata sua dignidade permitindo fluir na vida, assim como a água ele contorna os obstáculos que a vida o tinha apresentando e assim permanece no fluxo abrindo novos leitos e caminhos. Em consonância com Ponty (2011).

[...] meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe (Ponty, 2011, p. 317).

O corpo é um veículo onde se expressam as ações, as palavras, os pensamentos, os desejos, o ser, a identidade e a imagem que o ser humano se configura no mundo.

É necessário estar em casa, quando está no corpo, somos o mundo, nosso lar e quando nos apropriamos do nosso corpo do nosso ser, nos encontramos e integramos. É perceptível como o entrevistado foi se integrando com seu corpo, com suas palavras, pensamentos e desejos de estar no mundo, de fazer parte dele mesmo, ele constrói sua identidade, sua imagem mediante os impactos que a Hanseníase ocasionava em seu corpo, ele não nega seu problema. Ele integra-o na sua essência e se ressignifica, ele dar um novo sentido a doença.

Sua ida para o bairro Colônia Antônio Aleixo abre, não apenas, uma nova percepção do espaço, mas inaugura um outro modo de estar no mundo. Ao integrar-se ao lugar, às pessoas que compartilham da mesma dor e ao cotidiano atravessado pela água, ele não nega sua doença; ao contrário, integra-a à sua própria essência, ressignificando e permitindo que dela emergja um novo sentido. O que antes se apresentava como fim transforma-se em início: um novo ciclo carregado de possibilidades, no qual a experiência vivida substitui a ruptura pela continuidade.

Nesse processo, a água assume um papel central. Ela não é apenas elemento natural ou cenário, mas meio sensível de reconexão com o mundo. É pela água que o corpo se inscreve no espaço, que a memória do lar, da família e dos vínculos afetivos retorna, instaurando um sentimento de pertencimento e gratidão. A água, fluida e envolvente, sustenta uma experiência que não se dá no plano do pensamento abstrato, mas no nível da percepção encarnada, onde corpo e mundo se comunicam de forma direta e originária.

Essa vivência confirma o que Ponty (2011, p. 342) aponta ao afirmar que: “O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu

nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento”.

No caso do Sr. Souza, é o corpo, afetado, sensível e situado que estabelece essa comunicação primeira com o espaço vivido. A água, enquanto elemento simbólico, atua como mediadora dessa relação primordial, permitindo que a dor seja atravessada e transformada em experiência de sentido.

Assim, a interação entre o personagem, o espaço e a água revelam que a percepção não é apenas um ato cognitivo, mas um acontecimento existencial. É no fluxo da água e no contato sensível com o lugar que o sujeito se refaz, reafirmando que sua relação com o mundo precede o pensamento e se enraíza na corporeidade que o constitui desde o nascimento.

A água tem um papel fundamental nessa integração. ela passa a existir com o diálogo e a interação dos seus personagens ao longo deste estudo. A experiência vivida pelo Sr. Souza. evidencia o que Ponty aponta. uma relação originária entre sujeito e mundo, anterior à reflexão racional. A interação do Sr. Souza com a água revela justamente essa dimensão pré-reflexiva da experiência: é no contato sensível com o espaço, com os outros e com os elementos do lugar que ele ressignifica sua doença e transforma a dor em possibilidade. Assim, o espaço vivido não apenas o acolhe, mas participa ativamente da reconstrução de seu modo de existir, confirmando a centralidade da corporeidade como condição de sentido e de pertença ao mundo.

Dentro desta perspectiva da construção de um lugar a partir do elemento simbólico da água, outro relato é do seu Nildo Rodrigues da Rocha, 60 anos, morador há 40 anos do bairro que chegou em 1985, logo após a desativação do leprosário, segundo ele ao chegar no Bairro não tinha asfalto, água encanada e em muitas partes não havia rede elétrica e a infraestrutura era precária.

A questão da água era a mais urgente, pois não tinham apoio do governo e nem da empresa que era responsável por abastecer água na cidade de Manaus, na época a Companhia de Saneamento do (COSAMA), durante a sua entrevista ele diz que: “A COSAMA nunca veio aqui, não existia tubulação para cá e, não tinha como puxar essa água para cá, eles tinham medo de vir para cá por conta de uma possível contaminação da doença, a hanseníase”.

Não diferente dos demais entrevistados ele, também, trabalhou na gestão da água. fazia parte da comissão da água, chegou a ter a função de conselheiro fiscal e, também, trabalhava na manutenção e distribuição da água, trocando cano, fazendo

manutenção das bombas de água e outros serviços que apareciam nas demandas diárias.

Outro ponto que é relevante em sua entrevista, foi quando ele relata sobre a questão ambiental e a importância da preservação da água dos poços e do Lago do Aleixo que margeiam aos arredores do bairro. Em sua fala ele relembra, que, quando ele chegou:

Eu pescava nos igarapés que existiam no bairro, hoje já não existe mais. Os igarapés estão todos poluídos e assoreados, o Lago do Aleixo também está poluído. Tem muita presença de flutuantes e isso contribui para a poluição, fora a questão do desmatamento ao redor da margem que acaba contribuindo para o assoreamento do lago, estou vendo o lago morrer, eu gosto demais do meu bairro, aqui eu tenho tudo, a água é barata e acessível, sou isento de IPTU e não pago energia, aqui eu consigo viver bem e ter qualidade de vida com o que eu ganho (Nildo Rodrigues da Rocha, 60 anos, em entrevista).

E para fechar sua entrevista ele finaliza trazendo sua reflexão que sem a água o bairro não existiria, “nossa água é dez”, nem eu e ninguém pretende que nosso sistema seja substituído pela empresa atual de abastecimento de água, nosso sistema dar certo há mais de 40 anos e eles nunca nos ajudaram, agora é fácil pegar tudo pronto e depois cobrar mais caro pela água, e sabemos que os bairros que eles abastecem ainda falta água e aqui temos água todos os dias. O que precisamos fazer é somente fiscalizar para não haver desperdício e pagar a taxa da água para a manutenção. E finaliza dizendo que: precisamos só cuidar do que já temos.

Percebe-se a experiência do sentido nas vivências do entrevistado; é nítido como sua interação com o mundo e como se constitui, de maneira sensível, o amor e o sentimento pelo lugar. A relação com o espaço não se dá apenas como localização física, mas como experiência vivida, encarnada, onde memória, afeto e percepção se entrelaçam. Ou seja:

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade, torna-se a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo (Tuan, 2012, p. 144).

No viés dessa afirmação, se reconhece a consciência do passado presente na narrativa do Sr. Rocha, quando ele recorda o início da construção do bairro e as dificuldades enfrentadas, sobretudo, em relação à água. Ao rememorar essas experiências, ele não apenas relata fatos, mas atualiza, no presente de sua fala, as raízes da história do povo que vivia ali antes mesmo da transformação do leprosário no bairro. Emerge em sua memória a doença, o medo que pairava sobre o lugar e a

resistência das empresas e do governo em prestar os serviços básicos, revelando uma paisagem marcada por ausências e lutas.

Embora esse entrevistado não tenha sido acometido pela hanseníase e não possua familiares com essa doença, diante da necessidade de moradia ele se muda para o bairro e se integra ao lugar e à sua história. Essa integração ocorre por meio de uma identificação sensível com a exclusão que ali existia. Aquilo que ele percebe fora, também, o atravessa por dentro, em maior ou menor grau. Sua exclusão não ocorreu pela doença, mas pela condição social, o que se evidencia quando afirma gostar do bairro porque ali consegue viver bem e ter qualidade de vida com o que ganha. Trata-se, portanto, de uma experiência de pertencimento construída na interseção entre corpo, mundo e condições materiais de existência, conforme compreende a fenomenologia.

A vivência do Sr. Rocha evidencia o que Tuan (2012) aponta ao afirmar que, para intensificar a lealdade, a história torna-se visível na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo. Nesse contexto, a paisagem visível não se expressa por monumentos formais, mas pela água, que se constitui como elemento simbólico central. A água carrega a memória da luta, da escassez, do esforço coletivo e da resistência dos moradores na construção do bairro. Ela é, ao mesmo tempo, substância vital e a marca da vulnerabilidade e símbolo de autonomia.

A vivência do Sr. Rocha evidencia o que Tuan aponta ao afirmar que, para intensificar a lealdade, a história torna-se visível na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo. Nesse contexto específico, a paisagem visível não se expressa por monumentos formais, mas pela água, que se constitui como elemento simbólico central.

Sob uma perspectiva fenomenológica, a água não é apenas recurso, mas experiência vivida: atravessa os corpos, organiza o cotidiano e estrutura a relação dos moradores com o lugar. A luta pela gestão da água revela-se, assim, como uma luta pela permanência, pela identidade e pelo direito de decidir sobre o próprio espaço-lugar. Até os dias atuais, os moradores enfrentam ameaças de perder a gestão da água para o Estado e para a concessionária responsável pela administração da água na cidade de Manaus. Como o Sr. Rocha relata em sua entrevista, eles rejeitam essa concessionária e escolhem permanecer na posse da gestão e da água em seu bairro,

reafirmando, por meio desse elemento, sua história, sua corporeidade e sua forma própria de estar no mundo.

Dentro desta perspectiva, outro entrevistado, seu Pedro Borges 71 anos, chegou em 1962, veio do interior de Manacapuru, no local conhecido como Lago do Purupuru, foi internado compulsoriamente, há época ele tinha 8 anos e em 1964, outros membros da família foram internados, no caso, seu irmão que tinha 10 anos, pai que tinha 44 anos e tio tinha 35 anos, seu pai faleceu de um problema pulmonar, tuberculose.

Ele conheceu sua esposa na Colônia, ela chegou em 1946, primeiro que ele, e os dois vivem casados até os dias atuais. Ele saiu da Colônia em 1972 para estudar e trabalhar, por um período, mas sempre residindo no bairro.

No início de sua entrevista, relata que o poço mais antigo se chamava Poço Amazonas, desde da época do início da compulsoriedade onde o leprosário foi inaugurado no dia 10 de fevereiro 1942 até meados de 1978 quando ele foi desativado, só existia um poço que atendia todo bairro.

O Sr. Borges, relembra da construção desse primeiro poço, na realidade não era bem um poço, eles chamavam de poção, era uma caixa d'água onde tinha uma bomba que puxava a água do igarapé para caixa e depois era distribuído para a Colônia, com a construção do leprosário e a chegada das freiras, elas construíram junto com a comunidade o primeiro poço chamado Poço Amazonas, que está em atividade até os dias atuais, esse poço foi construído em 1948 antes da formação do bairro Colônia Antônio Aleixo.

Quando a Colônia é desativada. já existia um segundo bairro. o 11 de maio. que surge a partir de uma invasão, nessa ocupação irregular é construído um segundo poço com a ajuda do Padre Ludovico e os moradores, segundo ele, a invasão surge porque as freiras eram muito rigorosas e governavam com o punho de aço. As pessoas que desobedeciam às ordens como, por exemplo, se a pessoa não tivesse autorização das freiras para irem à cidade para resolver assuntos particulares, quando retornavam eram expulsos da Colônia. Sendo assim, não tendo para onde ir eles iam morar às margens do igarapé da Lenha ou do Lago do Aleixo, iniciando o bairro 11 de maio entre 1972 e 1973, decorrente da necessidade de moradia das pessoas, pelo fato de serem expulsas da Colônia.

Com a desativação da Colônia e do leprosário em 31 de dezembro de 1978, a partir de 01 de janeiro de 1979, já não era mais a Colônia, mas o bairro Colônia Antônio Aleixo, os moradores da Colônia e também outras pessoas vindas de fora, começaram a ocupar o bairro 11 de maio surgindo a necessidade também de construir um poço comunitário para atender a demanda de água daquela região.

O padre Ludovico começou a fazer um trabalho social juntamente com a ajuda da igreja no bairro 11 de maio. O padre foi um grande precursor para a construção do poço de água 11 de maio, através de recursos da igreja Católica e recursos vindo da Suíça. Contrataram a empresa para perfurar o poço e juntamente com os moradores fizeram uma força tarefa para distribuir a água para todo o bairro 11 de maio. Segundo relato do senhor Pedro Borges (71 anos), o padre tinha uma grande habilidade em fazer esse serviço social e unir as pessoas.

Sempre estive envolvido em trabalhos sociais, hoje é presidente do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MOHAM), o que é mais interessante em toda sua entrevista é o quanto ele ressalta sobre o trabalho em conjunto de todos os moradores para a construção dos poços e também a manutenção e a luta até os dias atuais em manter este serviço de abastecimento funcionando.

Todos aqui contribuíram com sua força de trabalho e seus próprios recursos, temos orgulho do que construímos e não queremos entregar nada disso a gestão do Estado, não queremos perder nossa independência. sabemos fazer e o que fazemos dar certo. nada mais justo do que ficar sobre a nossa administração, só temos que continuar cuidando e preservando para manter vivo a nossa história, tenho muito orgulho de fazer parte dessa construção e me sinto feliz e realizado me sinto útil servindo esta comunidade (Pedro Borges em entrevista)

A afirmação do Sr. Borges revela uma relação de pertencimento que não se limita ao uso técnico ou à gestão material do espaço, mas emerge de uma experiência vivida, construída com o corpo, o tempo e o afeto. Ao afirmar que todos contribuíram com sua força de trabalho e recursos próprios, e que desejam manter sob sua própria administração aquilo que construíram. O Sr. Borges expressa um vínculo profundo com o lugar, marcado pelo orgulho do pertencimento, pela utilidade sentida e pela realização de servir à comunidade. Trata-se de um pertencimento que nasce do envolvimento direto, da ação encarnada no mundo e da responsabilidade compartilhada, onde o espaço deixa de ser algo externo para tornar-se extensão do próprio ser.

Essa experiência encontra-se em consonância com a reflexão de Tuan (2012), ao afirmar que:

A história é responsável pelo amor à terra natal. Pois os elementos da paisagem, montanhas, riachos, fontes e poços não são apenas cenários esteticamente apreciáveis, mas obras vivas dos antepassados, portadoras de memória e continuidade (Tuan, 2012, p. 144).

Assim, o amor ao lugar se constrói como uma herança sensível, transmitida não apenas pela narrativa histórica, mas pela experiência cotidiana de habitar, cuidar e transformar.

No caso do Sr. Borges, o amor pelo bairro transcende os elementos cênicos e se inscreve no nível do ser-no-mundo. Os poços, longe de serem apenas estruturas funcionais, assumem um caráter simbólico: são fontes de vida, de memória e de identidade. A água que neles brota carrega o tempo vivido, atravessa as gerações e insere-se no corpo daqueles que dela dependem e cuidam. Esses poços condensam a geo-história do lugar e, ao mesmo tempo, revelam um modo de existir, no qual o corpo, território e água se entrelaçam numa mesma tessitura de sentido.

Nesse horizonte fenomenológico, a água não apenas ocupa o espaço, mas constitui a experiência do lugar. Ela atravessa a vivência do Sr. Borges, infiltra-se em sua corporeidade e participa da construção de sua identidade, tornando-se expressão sensível de um pertencimento profundo, onde sujeito e lugar deixam de ser instâncias separadas e passam a existir em relação, como um só.

É a partir dessa relação de pertencimento constituído no qual a água, o lugar e a experiência se entrelaçam. Percebe-se em seu relato a preocupação de perder tudo isso para o Estado, ou seja, o medo é real, da fragilidade do lugar vivido. Nesse mesmo sentido de que “o patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure aquilo que amamos” (Tuan, 2012, p. 146).

Quando o Sr. Borges relata que não deseja perder sua independência nem entregar ao Estado a gestão da água, há a consciência de uma fragilidade de que, a qualquer momento, aquilo que foi construído pode ser retirado. Esse sentimento, longe de enfraquecer o vínculo, intensifica ainda mais a experiência íntima com o lugar.

O Sr. Borges já vivencia esse modo de ser no mundo. Trata-se de algo construído e vivido: este não é qualquer lugar, mas o lugar onde sua identidade foi formada. Durante o período de isolamento, na internação, ao ser afastado de sua

família, sua história pessoal e íntima parecia morrer; instalavam-se o medo e o vazio. À medida que ele se apropria do espaço, por meio do trabalho, passa a se sentir útil como ele próprio afirma e, nesse processo, reencontra a si mesmo e atribui sentido à sua vida.

A água entrelaça-se profundamente à sua trajetória e inaugura um novo sentido existencial. Até hoje, o entrevistado deixa claro que é preciso cuidar e defender a água, pois não se trata apenas de um recurso, mas de toda uma história marcada por tentativas de invisibilização. Os poços tornam-se, assim, verdadeiros monumentos: eles guardam a memória da superação e da reconstrução de cada pessoa que viveu na Colônia de Leprosários.

Em outro depoimento, o entrevistado Sr. Raimundo (82 anos), nascido em Eirunepé, narra uma trajetória profundamente marcada pela ruptura do lugar vivido e pela posterior reconstrução do seu ser-no-mundo. Filho de pai hanseniano, ele também tinha um irmão; ambos foram levados de forma compulsória para a Colônia. O deslocamento ocorria por via fluvial, em um batelão, estrutura arrastado atrás da embarcação, presa por uma corda de aproximadamente dez metros cuja função era impedir o contato físico com a tripulação, materializando a exclusão já no próprio ato do transporte.

Apesar dessa separação forçada, o Sr. Raimundo mantinha o vínculo afetivo com o pai, visitando-o frequentemente na Colônia, pois, segundo ele, sentia muita falta e nutria um profundo amor. Na vida adulta, passou a residir em Itacoatiara, onde exercia a profissão de professor. Neste lugar, seu corpo estava integrado ao mundo por meio do trabalho, da convivência comunitária e do reconhecimento social. Contudo, em determinado momento, a comunidade escolar e o gestor da instituição relataram a percepção dos sinais da hanseníase e solicitaram seu afastamento para tratamento, pedido que ele aceitou.

No ano de 1960, o Sr. Raimundo é encaminhado à Colônia para iniciar o tratamento. Ao chegar, é recebido pelas freiras, que, segundo seu relato, o acolheram de forma respeitosa e atenta. Ao perceberem suas capacidades cognitivas, o convidaram para trabalhar na administração de um bar situado nas proximidades da Colônia, cuja renda contribuía para a manutenção do local, uma vez que os recursos governamentais não eram suficientes para suprir as necessidades.

Nesse período inicial, o entrevistado descreve um estado de profunda tristeza existencial. Sua esposa o havia deixado, os amigos se afastaram e, com a interrupção do trabalho, seu corpo perdeu o eixo que o ligava ao mundo. O afastamento profissional não significou apenas a perda de uma ocupação, mas a suspensão de uma forma de existir. É nesse contexto que o convite das freiras para trabalhar assume um significado fenomenológico fundamental: por meio do trabalho, ele volta a habitar o mundo.

O Sr. Raimundo relata que esse gesto foi sua salvação, pois se sentiu acolhido, reconhecido e visto. O trabalho restabeleceu uma relação entre corpo, espaço e sentido. Emocionado, ele afirma: “Não é querendo me gabar, mas na minha vida eu trabalhei muito de um canto para outro, tenho orgulho disso.” Posteriormente, além da administração do bar, passou a atuar no setor financeiro da Colônia, realizando pagamentos de benefícios e fiscalizando a entrada e saída de pessoas, inclusive dos flutuantes que existiam ao redor do lago.

Segundo Dardel (2015, p. 25), “basta que o sol se eleve, e esse mundo onde o homem ‘não encontra resposta’ se torna familiar, ‘íntimo’. Ele se lança para a Terra como ‘apelo alegre à vida’, predispondo o homem para a terra, onde encontra tudo aquilo a que aspira”. Essa afirmação se materializa na experiência vivida pelo Sr. Raimundo.

Ao ser afastado de sua terra de referência não a de nascimento, mas aquela construída pela prática do trabalho e pelos vínculos sociais. ele perde não apenas o espaço geográfico, mas uma dimensão essencial de sua identidade. A doença restringe sua mobilidade, rompe sua pertença e fragiliza sua relação com o mundo vivido. O corpo, antes ativo e reconhecido, passa a ser marcado pelo estigma e pela exclusão.

Entretanto, ao ser acolhido pelas freiras e reinserido no mundo por meio do trabalho, ocorre uma reconfiguração do seu ser-no-mundo. A Colônia, inicialmente percebida como espaço de dor e ruptura, transforma-se gradualmente em lugar vivido. Não se trata apenas de um deslocamento físico, mas de uma experiência corporal e emocional que devolve ao sujeito a possibilidade de existir com sentido.

A vivência do Sr. Raimundo evidencia que o pertencimento não está restrito ao espaço físico, mas emerge da relação entre corpo, afeto e reconhecimento. Ele não necessitava apenas de um local para tratamento, mas de um lugar onde seu corpo

fosse acolhido e sua existência legitimada. É nesse encontro entre corporeidade e mundo que a Colônia se torna familiar e íntima.

Assim, quando Dardel (2015, p. 25) afirma que o mundo se torna habitável quando o “sol se eleva”, esse sol pode ser compreendido como a retomada do sentido existencial. No conforto emocional reencontrado, o Sr. Raimundo vislumbra a possibilidade de recomeço. A Colônia deixa de ser apenas um espaço de confinamento e passa a ser um lugar onde seu corpo encontra abrigo, onde ele volta a se reconhecer e a pertencer.

Segundo Dardel (2015),

[...] assim, a geografia autoriza uma fenomenologia do espaço. Nesse sentido, podemos dizer que não se trata do espaço infinito e desumano do geômetra ou do astrônomo. Ela nos coloca no espaço em nossa própria dimensão, em um espaço que se dá e que responde, um espaço generoso e vivo, aberto diante de nós (Dardel, 2015, p. 26).

Desse modo, a geografia autoriza uma fenomenologia do espaço que não se apoia em uma concepção infinita, geométrica, astronômica ou cartesiana, mas em um espaço que se oferece, que responde, que é vivo e carregado de possibilidades.

Para o Sr. Raimundo, essa fenomenologia do espaço se manifesta no momento em que ele percebe e vive a Colônia como um espaço generoso, acolhedor e vivo. O abrigo que ele buscava não se estabelecia nas teorias abstratas do espaço, mas na experiência concreta do corpo em relação com o mundo. É por meio da vivência corporal, do trabalho e do reconhecimento que seu modo de ser-no-mundo encontra sustentação, permitindo que aquele espaço, antes marcado pela ruptura, se transforme em lugar vivido.

Assim, a Colônia deixa de ser apenas um espaço imposto para o confinamento, e o tratamento da doença passa a se constituir como um lugar onde o mundo responde ao sujeito. O corpo do Sr. Raimundo, ao ser acolhido e reinscrito no cotidiano, encontra nesse espaço a possibilidade de existir com sentido, revelando que o pertencimento nasce da experiência vivida e não da materialidade abstrata do lugar.

Essa experiência inaugura um eixo comum aos relatos analisados, no qual o espaço vivido se constitui a partir da relação entre corpo, afeto e reconhecimento. No próximo relato, é sobre a trajetória do Sr. Benedito Passos, permitindo aprofundar essa compreensão, evidenciando, sob outras vivências, como o espaço se torna lugar quando passa a responder às necessidades existenciais do sujeito.

O Sr. Benedito Passos, de 77 anos, nasceu em Manicoré e chegou à Colônia, também, de forma compulsória. Aos 12 anos de idade, em 1949, foi retirado de sua mãe e levado para tratamento, também por via fluvial, em um barco que transportava, atrás de si, um batelão destinado aos doentes, impedindo qualquer contato com a tripulação. Ele chega, em 1965 na Colônia, permanecendo toda a sua infância e juventude atravessadas pela experiência do confinamento e da ruptura precoce dos vínculos familiares.

Esse entrevistado por meio de seu depoimento, toca profundamente a sensibilidade humana. Ao marcar a entrevista com sua filha, fui informada de que o Sr. Benedito havia sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC), que lhe deixou sequelas, entre elas a dificuldade na fala. Ele conseguia se expressar, com dificuldade, na maioria das vezes, apenas interpretado pelas suas filhas, que se tornaram suas intérpretes no cotidiano.

No dia e horário marcados, ao chegar em sua residência, encontrava-se um senhor de estatura aproximadamente um metro e cinquenta, com uma das pernas amputadas em decorrência da doença, deslocando-se sobre um carrinho de rolimã¹. Apesar das limitações físicas evidentes, ele foi receptivo e a sua alegria e satisfação era perceptível não, apenas, pelas suas palavras, mas pelos gestos, pelo olhar e pelas expressões corporais, revelando uma presença viva e afetiva diante do encontro.

Sua fala era, de fato, difícil de compreender, e sua filha auxiliava na interpretação. O que mais chamou a atenção foi a sua força de vontade diante das adversidades físicas e emocionais. Impressiona a forma como ele atribui sentido à própria existência. Durante a entrevista, apresentou seus documentos pessoais e relatou sua trajetória, parecidos com os episódios já mencionados, mas também trazendo novos acontecimentos significativos. Um deles foi a procura de sua filha pelos irmãos, que haviam sido separados, no momento de sua retirada compulsória. Ela foi até a cidade de nascimento do pai e anunciou em uma rádio local que procurava familiares, o que possibilitou o reencontro e a reconstrução de vínculos rompidos há décadas.

Seus irmãos acreditavam que ele havia falecido na Colônia, razão pela qual nunca conseguiram estabelecer contato. Posteriormente, o Sr. Benedito foi indenizado pelo governo federal, como parte da reparação destinada aos filhos afastados

¹ Estrutura artesanal de madeira, equipada com rolamentos reaproveitados de peças de carros e motos, semelhante a um pequeno banco com rodas.

compulsoriamente de seus pais durante a infância, uma tentativa tardia de minimizar a violação de direitos sofrido. Com esse recurso, reformou sua casa e passou a viver em uma moradia mais digna.

Outro aspecto marcante de sua fala é o desejo de escrever um livro sobre sua própria história. Ele afirma precisar da ajuda da filha, pois, devido às múltiplas comorbidades, não consegue fazê-lo sozinho. Seu desejo é narrar sua trajetória, sua dor e, sobretudo, denunciar o quanto esse sofrimento foi invisibilizado pelo Estado. Relata que, diferentemente da experiência vivida por outros internos, as freiras que administravam a Colônia exerciam uma autoridade rígida, muitas vezes violenta, tanto nas palavras quanto nas atitudes. Afirma ter sofrido maus-tratos, embora não tenha se aprofundado nesses episódios.

Apesar de toda a dor, o Sr. Benedito conseguiu ressignificar sua história. Após a desativação do leprosário, passou a viver na comunidade do bairro 11 de Maio, no bairro Colônia Antônio Aleixo, onde conquistou um terreno, construiu sua moradia e reside até os dias atuais. Nesse novo momento de sua vida, conhece a mãe de suas filhas, estabelece casamento, passa a trabalhar na agricultura e desenvolve uma relação profunda com a água do lago do Aleixo. Segundo ele, pescava, banhava-se no lago e sempre que podia retornava àquele espaço, pois ali encontrava paz e felicidade. Aprendeu a amar o lugar onde passou a viver.

Sua relação com a água dos poços ocorre no papel de usuário e cuidador. Ele afirma sentir-se privilegiado com a gestão do poço do bairro 11 de Maio, antecipa o pagamento da taxa de água por seis meses consecutivos e participa com alegria dos eventos de fim de ano organizados para os pagadores assíduos, demonstrando reconhecimento e pertencimento ao sistema comunitário de abastecimento.

Diferentemente do Sr. Raimundo, o Sr. Benedito Passos, não encontrou acolhimento e alegria na Colônia; ao contrário, vivenciou dor, sofrimento e exclusão. No entanto, o aspecto mais significativo de sua trajetória está na forma como ele ressignifica o lugar por meio da água. O lago do Aleixo, que um dia foi parte do caminho que o conduziu ao confinamento e à ruptura, torna-se, após a desativação da Colônia, fonte de paz, alegria e reconstrução do sentido da vida. Diante disso, “O sorriso do verão brilha em suas margens” (Dardel, 2015, p. 20). Anuncia um novo tempo em sua existência. O lago passa a ser espaço de lazer, meio de subsistência e expressão de um novo modo de ser-no-mundo.

Nessa perspectiva, Dardel (2015) afirma que “[...] o registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para classificar o mundo aquático [...]. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, à juventude transparente do mundo”. As águas para o Sr. Benedito, oferece-lhe um novo sentido de vida, permitindo-lhe ressignificar sua própria história. O desejo de escrever um livro sobre sua trajetória expressa essa necessidade de tornar visível a dor vivida e, ao mesmo tempo, afirmar a vitória de permanecer vivo, com sede de vida.

Destarte, “a geografia encontra um espaço construído [...], um espaço que, para o homem, difere em qualidade e significado” (Dardel, 2015, p. 27). Essa afirmação se concretiza na vivência do Sr. Benedito Passos, que constrói seu espaço a partir da experiência, da afetividade e da corporeidade, e não por categorias abstratas. O lugar emerge, assim, como resposta à sua existência, revelando que é na vivência concreta do corpo em relação com o mundo que o espaço se torna, verdadeiramente, lugar.

A trajetória do Sr. Benedito Passos, evidencia que o espaço se constitui como lugar a partir da experiência vivida, quando o corpo encontra no mundo uma resposta às suas necessidades existenciais. A água, nesse contexto, emerge como elemento mediador da ressignificação do sofrimento e da reconstrução do sentido de existir. Essa compreensão do espaço vivido, construída no entrelaçamento entre corpo, memória e afeto, também atravessa o próximo relato.

A experiência do Sr. Jose Lourenço Nascimento. permitirá aprofundar essa leitura fenomenológica, revelando, sob outras vivências e temporalidades, como o lugar se constitui na relação sensível entre o sujeito e o mundo que ele habita.

O Sr. José Lourenço Nascimento, 57 anos, nasceu e cresceu no bairro Colônia Antônio Aleixo. Há oito anos dedica seu trabalho à manutenção dos poços do bairro 11 de Maio, realizando consertos nos encanamentos, acionando as bombas nos horários estabelecidos e cuidando do funcionamento cotidiano do sistema de abastecimento de água. Seu vínculo com a Associação de Água 11 de Maio é formal, com carteira assinada e direitos trabalhistas assegurados, mas seu vínculo com o lugar vai muito além do contrato.

Em sua fala, José Lourenço deixa claro que o sentido do seu trabalho não está apenas na obrigação profissional. Ele afirma sentir prazer em trabalhar na associação e reconhece nela uma organização que, para ele, se destaca dentro do bairro Colônia

Antônio Aleixo. Mais do que uma estrutura administrativa, o que o motiva é a certeza de que seu trabalho serve à comunidade, sustenta vidas e fortalece relações.

Ele compreende que seu salário depende da confiança das pessoas que pagam a taxa de água e, por isso, sente-se responsável em retribuir essa lealdade com um serviço feito com cuidado e compromisso. Nesse movimento de troca, a água e o sistema de gestão deixam de ser apenas infraestrutura e passam a constituir um lugar de confiança, segurança e pertencimento.

Essa experiência concreta, expressa o que Tuan (2015, p. 170) afirma ao dizer que, embora posses e ideias sejam importantes, são os outros seres humanos que permanecem como centro de valor e fonte de significação. Para o Sr. José Lourenço, o que sustenta o sentido do seu trabalho não são apenas as normas, os projetos ou a organização material, mas as relações vividas com as pessoas da comunidade.

As posses, os sistemas e as ideias organizam a vida e oferecem estabilidade, mas é na convivência, no reconhecimento e no cuidado mútuo que o espaço se torna habitável. Na fenomenologia, o lugar não é ele por si só; se faz no encontro entre corpos, histórias e relações vividas. Da mesma forma, o trabalho só ganha sentido quando se transforma em vínculo.

Nesse direcionamento, o Sr. José Lourenço Nascimento revela que o sentido do lugar não se sustenta apenas na organização material ou na estabilidade do trabalho, mas na ética cotidiana do cuidado com o outro. Seu vínculo com a água, com o sistema de gestão e com a comunidade expressa uma forma de pertencimento construída na confiança mútua, na responsabilidade compartilhada e no reconhecimento recíproco.

Contudo, o modo de habitar o mundo não ocorre de forma única. Enquanto algumas experiências se organizam a partir da confiança e da continuidade, outras se constroem na adaptação, na escuta e na forma como o corpo aprende a permanecer.

A única mulher entrevistada é a Sra. Neuza Colares relatando uma outra forma de habitar, revelando novas camadas da relação entre sujeito, lugar e existência.

A Sra. Neuza Colares, 54 anos, nascida e criada no bairro Colônia Antônio Aleixo, embora atualmente não resida mais no local, mantém um vínculo profundo e ativo com ele por meio de seu trabalho. Há vinte e um anos atua como coordenadora, em regime CLT, da Instituição Espaço Cidadão de Artes e Educação (ECAE), situada no terreno da Igreja Católica do bairro. A instituição é um projeto criado pela Associação de Água CSELA e atende crianças em situação de vulnerabilidade social

e com dificuldades de aprendizagem, oferecendo reforço escolar, incentivo à leitura, oficinas de artes plásticas, violão, informática e jiu-jitsu.

Os recursos financeiros que mantêm o projeto provêm da Associação de Água CSELA e de mantenedores voluntários, que contribuem para que as atividades continuem. Assim, mais uma vez, a água aparece não apenas como recurso natural, mas como fundamento organizador de relações, projetos e transformações sociais.

Na entrevista, a Sra. Neuza afirma que o que mais a emociona é ver os alunos aprenderem a ler e, principalmente, ingressarem no ensino superior. Muitos retornam à instituição como estagiários, dando continuidade ao ciclo formativo. “Essa é uma alegria que não tem preço” (Neuza Colares em entrevista). Sua felicidade não está vinculada a posses ou reconhecimento individual, mas ao testemunho concreto da transformação de vidas.

Ela declara sentir-se realizada ao perceber que o trabalho desenvolvido gera mudanças reais. Expressa profunda gratidão à Associação de Água CSELA e ao Sr. Edivaldo Barreto, idealizador do projeto e articulador de parcerias. Reconhece que tudo começou por causa da água, mas ultrapassou sua dimensão material, tornando-se uma rede de cuidado e de pertencimento. Apesar de não morar mais no bairro, a senhora Colares, afirma: “Ainda sinto que aqui é minha casa.” O projeto faz parte de sua história e de seu propósito de vida, afirmou a Sr.^a Colares.

Segundo Tuan (2013, p. 200), “o ser humano pode dirigir um mundo porque tem sentimentos e intenções.” A experiência da Sra. Neuza materializa essa afirmação. Mesmo distante fisicamente, ela continua dirigindo seu mundo a partir do afeto, da intenção e do compromisso com o outro. Sua permanência não é geográfica, mas existencial. O lugar não é apenas onde se mora, mas onde o corpo se compromete, onde os vínculos são cultivados e onde a intenção se transforma em ação.

Dentro de uma leitura fenomenológica, percebe-se que o bairro Colônia Antônio Aleixo ultrapassa a condição do espaço, do território delimitado e se constitui como o lugar vivido porque é sustentado por relações, memórias e projetos compartilhados. A instituição ECAE é a expressão concreta dessa construção. Ela demonstra que o espaço se torna lugar quando há direção intencional, cuidado e investimento afetivo.

Tuan (2013, p. 210) afirma ainda que “esses meios espontâneos para promover a identidade do lugar são reforçados pelo esforço de organizações formais”. Assim como no exemplo citado pelo autor, a Associação de Água CSELA e a Instituição

ECAE desempenham papel fundamental na consolidação da identidade local. Elas não existem apenas como estruturas administrativas, mas como mediadoras de vínculos, guardiãs de valores e produtoras de pertencimento.

Se, nos relatos anteriores, o lugar se revelou como reconstrução após a ruptura, segundo o Sr. Raimundo, como ética do cuidado e lealdade comunitária, como argumentou o Sr. José Lourenço, aqui ele se manifesta como intencionalidade transformadora. A água, que antes aparecia como meio de sobrevivência, trabalho e reorganização da vida, agora se apresenta como origem de um projeto educacional que molda futuros.

Fenomenologicamente, o que se evidencia é que o lugar não se reduz à moradia física. Ele se constrói na permanência do vínculo, na responsabilidade assumida e na direção que o sujeito imprime ao mundo por meio de suas intenções. A Sra. Neuza continua pertencendo porque continua cuidando. E, ao cuidar, mantém o lugar vivo.

Depois de escutar os relatos onde a água curou, organizou, sustentou e educou, volta-se o olhar para aquele que a reconhece como origem de tudo: o Sr. Raimundo. Nele, a água não é apenas presença é fundamento do existir no lugar.

O Sr. Raimundo de Carvalho Moreira, 54 anos, nascido na cidade de Manaus, viveu sua infância às margens do Igarapé da Lenha. Desde cedo, a água não era apenas paisagem, mas condição concreta de sua existência. Para estudar na escola vinculada à Associação de Água CSELA o ECAE, localizado no bairro Colônia Antônio Aleixo, deslocava-se diariamente atravessando o Lago do Aleixo. Seu corpo aprendeu, ainda menino, que viver ali era mover-se em sintonia com a água.

Ele relembra o início das construções dos poços, seus idealizadores e executores, já mencionados, como parte de um tempo de formação comunitária. Aos quinze anos, inicia seu trabalho na Associação, na área administrativa, onde permanece até o momento em 2026. Sua trajetória profissional não se separa de sua história com a água; mas se entrelaçam no círculo vivido.

O que marca profundamente sua entrevista é essa continuidade: a água sempre esteve presente conduzindo seu modo de ser-no-mundo. Na infância, morava próximo ao igarapé; na juventude, as águas do lago o levavam ao estudo e, posteriormente, ao trabalho. Constituiu família, adquiriu uma casa mais afastada do lago, no interior do bairro, mas, após a separação, retornou para uma moradia próxima

as margens das águas. Esse retorno não é apenas geográfico, é existencial. É como se o corpo buscasse novamente sua referência primeira, sua paisagem íntima.

Em seu relato, afirma que a água é mais que um recurso: é sua história de vida. Gosta de acordar, olhar e direcionar o olhar para o Igarapé da Lenha, lugar de sua infância. Esse gesto simples carrega densidade fenomenológica: olhar a água é reencontrar-se. Ele diz sentir conforto, paz e alegria. “Sinto-me satisfeito com tudo o que tenho hoje. Trabalho em um lugar que me dá valores e segurança. Sinto que faço parte de tudo isso”.

Intrinsicamente ligado ao que Tuan (2012, p. 161), afirma que, “[...] o termo topofilia associa sentimento com lugar”. No caso do Sr. Raimundo, essa associação é evidente. A topofilia não é apenas um apego emocional abstrato; ela nasce da experiência corporal concreta. Seu corpo foi conduzido pelas águas, atravessou o lago, trabalhou na gestão da água, construiu família às suas margens. A água torna-se, assim, mediadora, no sentido do pertencimento.

Numa perspectiva fenomenológica, o lugar não é apenas localização espacial, mas espaço vivido, impregnado de memória e afeto. O corpo do Sr. Raimundo é o veículo dessa experiência: é por meio dele que a água ganha sentido, que o deslocamento se transforma em trajetória e que o espaço se converte em lugar.

Tuan (2012, p. 163) afirma ainda: “não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura.” Essa dupla dimensão aparece também na vivência do Sr. Raimundo. A água lhe oferece segurança, sustento, trabalho, estabilidade, mas também horizonte, possibilidade, expansão.

Entre abrigo e abertura, entre memória e futuro, ele constrói seu modo de existir. A água, para ele, é o chão e caminho ao mesmo tempo. É passado que conforta e o horizonte que o chama.

Encerrar as entrevistas com sua narrativa é reconhecer que, em todas as histórias aqui dissertadas, a água não foi apenas cenário, mas elemento constitutivo do lugar, sentido, percebido e vivido. No relato do Sr. Raimundo de Carvalho Moreira, essa verdade se revela com clareza: “o lugar nasce quando o sentimento encontra o espaço, e o corpo reconhece, ali, sua própria morada”, construindo e reconstruindo o lugar.

CAPITULO III

O LUGAR DAS RELAÇÕES HUMANAS, DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO RECONSTRUÍDO, NO ENTRELAÇAMENTO COM A ÁGUA: O OLHAR DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO

Neste capítulo, é a leitura das representações do mundo vivido, por meio de mapas mentais, elaborado por moradores e das entrevistas para a análise, possibilitando descrever a partir do elemento água, da identidade e do pertencimento como ocorreu o processo de construção do lugar.

Segundo Nogueira (2014, p.121) as:

Descrições e representações, como vimos, foram inicialmente registradas por homens comuns, que não tinham como objetivo a sistematização e veracidade daquele conhecimento. Eram colocadas ali, como eles estavam percebendo e concebendo o mundo em que viviam (Nogueira, 2014, p. 121).

A análise parte da compreensão de que o lugar não é apenas uma delimitação espacial, mas uma construção existencial, marcada por experiências, memórias e relações sociais mediadas, neste caso, pelo elemento água.

Segundo Nogueira (2014),

[...] esses homens não tinham a preocupação geométrica exata, quando traçavam os mapas. As representações eram fruto da vivência, de uma relação existencial com eles; o que descreviam era, na realidade existencial com eles; o que descreviam era, na realidade, a relação de vida que eles mantinham com as montanhas, com os rios, com as florestas, com o deserto, com as planícies, com os outros homens e animais Segundo Nogueira (2014, p.124).

Os mapas mentais revelam não somente traçados físicos do bairro, mas paisagens afetivas, trajetórias corporais e referências simbólicas que evidenciam como os moradores percebem, sentem e organizam seu espaço de vida. Já as entrevistas aprofundam essas representações ao trazer narrativas que articulam memória, identidade e pertencimento, permitindo compreender como a água atravessa a história individual e coletiva da comunidade.

Nogueira (2014, p.127) retoma a obra O sonho do cartógrafo de “Frei Mauro que traçou os Mapas Mentais” que os viajantes do século XVI construíram em suas mentes sobre os diversos lugares encontrados, para nos demonstrar a importância dos mapas mentais, como representação das experiências vividas pelos sujeitos. Esses “Mapas Mentais” traziam informações traduzidas a partir da percepção dos viajantes, por isto, reconhecia Frei Mauro, que apesar de conter uma verdade do lugar, era a

visão de quem vivia fora dele. Continham, portanto, uma visão de mundo também dos viajantes. O que provavelmente influenciava na informação.

Neste estudo-pesquisa os Mapas Mentais foram representados e interpretados por desenhos, a partir do conhecimento dos entrevistados que vivem e são moradores no Bairro Colônia Antônio Aleixo. Nos mapas, que estão inseridos nos próximos tópicos, revelaram uma espacialidade vivida, não geométrica. Não dos limites administrativos que organizam a representação, mas de pontos do sentido, do conhecimento empírico. Pois, aquilo que é desenhado com maior destaque, coincide com aquilo que é vivido com maior intensidade.

Segundo Dardel (2015),

Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem a Terra, uma geograficidade '*géographicité*' do homem como modo de sua existência e de seu destino. É dessa primeira surpresa do homem frente à Terra e à intenção inicial da reflexão geográfica sobre a 'descoberta' que se trata aqui, questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante (Dardel, 2015, p. 1).

A compreensão da geograficidade, conforme desenvolvida por Dardel (2015), permite aprofundar a análise das representações construídas pelos moradores da Colônia Antônio Aleixo. Percebe-se que antes de qualquer sistematização cartográfica ou delimitação técnica do espaço, há uma experiência originária do homem frente à Terra. Essa primeira descoberta não é teórica, mas sensível e existencial: o homem percebe-se situado, envolvido por horizontes, rios, caminhos e paisagens que o antecedem e o constituem. É dessa condição de ser-humano-terrestre que nasce a reflexão geográfica. Questionar a geografia na perspectiva do próprio geógrafo, ou do homem interessado no mundo que o cerca, significa reconhecer que o espaço não é apenas objeto de estudo, mas dimensão vivida.

Nesse sentido, os mapas mentais elaborados pelos moradores expressam essa geograficidade ao revelarem uma espacialidade, marcada por memórias, afetos e experiências mediadas pela água, evidenciando que o lugar é vivido antes de ser representado, e sentido antes de ser medido.

A interpretação dos mapas mentais e das narrativas também se ancora no conceito da geograficidade, antes da geografia científica; vem o ser humano, experienciando seu modo de ser no mundo. A geograficidade não se refere apenas à localização ou à organização objetiva do espaço, mas à maneira como o mundo é

vivido, sentido e o seu significado é percebido pelo sujeito em sua relação concreta com a terra.

Segundo Nogueira (2014),

Os comandantes sabem que estas informações não são encontradas nos mapas oficiais, pois elas se renovam na dinamicidade da natureza amazônica e só quem a experiência cotidianamente a apreende e a enfrenta com a naturalidade de quem conhece. Os comandantes e os práticos valorizam o conhecimento um do outro, compreendem que cada coisa que um deles sabe é importante para enfrentar o dia a dia das “estradas aquáticas” por eles percorridas (Nogueira, 2014, p. 130).

Assim, como os comandantes, os moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo valorizam o conhecimento e as experiências um dos outros, eles se renovam na dinamicidade da natureza e nos desafios que ela apresenta, imprimem seu modo de ser nas dinâmicas que se apresentam, eles adquirem um modo único de existir no ambiente que se materializa na gestão da água e todo o simbolismo que ela carrega.

A partir dessa perspectiva, o bairro Colônia Antônio Aleixo não é apenas um recorte territorial da cidade de Manaus, mas uma expressão da existência daqueles que o habitam. O espaço se revela como mundo vivido atravessado por práticas cotidianas, memórias compartilhadas, conflitos, afetos e, sobretudo, pela presença estruturante da água. A água, nesse contexto, não aparece apenas como recurso natural ou elemento físico da paisagem, mas como mediadora da experiência geográfica, organizando deslocamentos, encontros, modos de subsistência e narrativas identitárias.

Ponty (2011, p. 205) se referindo a água, diz que, “Mas ela esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço, quando a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência”. Sendo assim, manifesta-se, portanto, na corporeidade dos moradores: nos caminhos percorridos, nos pontos de referência destacados nos mapas, nos relatos sobre enchentes, escassez, uso e luta pela gestão da água o enraizamento da existência desses moradores.

O que é representado nos mapas mentais não corresponde a uma cartografia técnica, mas a uma cartografia existencial. O traçado revela intensidade de vivência. O destaque não é dado pela extensão territorial, mas pela densidade afetiva. Assim, os mapas mentais expressam uma espacialidade constituindo um testemunho da relação ontológica entre sujeito e lugar. A geograficidade evidencia que o espaço não é exterior ao homem; ele é co-constituído na experiência. O bairro Colônia Antônio Aleixo é vivido antes de ser delimitado; é sentido antes de ser medido.

Dessa forma, a leitura interpretativa realizada neste capítulo, busca compreender como a geograficidade dos moradores da Colônia Antônio Aleixo se manifesta nas representações construídas. Ao desenharem seus mapas e narrarem suas histórias, o lugar, então, emerge como mundo significativo, onde a água atua como eixo estruturante da experiência espacial, articulando memória, identidade e pertencimento.

A partir dessa perspectiva, a água é analisada não apenas como recurso natural ou infraestrutura urbana, mas como elemento estruturador de vínculos sociais e de sentidos atribuídos ao espaço na configuração do lugar. Ela aparece como mediadora da permanência, do trabalho, da organização comunitária e da formação de identidades locais. Assim, o lugar é compreendido como resultado de um processo dinâmico, no qual a experiência vivida transforma o espaço em lugar com significado, carregado de valor.

A vivência do Sr. Nildo Rodrigues da Rocha 60 anos, evidencia o que Yi-Fu Tuan assinala ao afirmar que, para intensificar a lealdade ao lugar, a história precisa tornar-se visível na paisagem. Em muitos contextos, essa visibilidade se expressa por monumentos, marcos ou edificações simbólicas. No entanto, no bairro Colônia Antônio Aleixo, essa memória não está inscrita em estátuas ou placas comemorativas, mas na própria água.

A água constitui-se como o principal elemento simbólico do lugar. Ela carrega a memória da escassez, do preconceito, do abandono institucional e, sobretudo, da resistência coletiva. Cada poço construído representa mais que infraestrutura: representa luta, organização comunitária e afirmação de dignidade. O Lago do Aleixo, por sua vez, não é apenas cenário natural, mas testemunha silenciosa da história do bairro das travessias, das dores e das reconstruções.

Quando o Sr. Nildo Rocha 60 anos, afirma estar “vendo o lago morrer”, sua fala não expressa apenas uma preocupação ambiental. Ela revela um sentimento de perda existencial. Na perspectiva fenomenológica, o ambiente não é algo externo ao sujeito; ele participa da constituição do próprio ser. Se o lago adoece, algo do mundo vivido também adoece. A paisagem, nesse sentido, não é neutra: ela é extensão da memória e da identidade.

A água, portanto, opera em múltiplas dimensões. É um recurso material, pois garante abastecimento e qualidade de vida. É elemento social, pois organizou a

comunidade e estruturou formas de gestão participativa. E é, sobretudo, elemento existencial, pois sustenta vínculos de pertencimento e reconhecimento.

Ao longo das narrativas apresentadas do Sr. Edivaldo Barreto 62 anos, Sr. Cleudo Souza 56 anos, Sr. Raimundo 82 anos e Sr. Nildo Rocha 60 anos, percebe-se que a água não é apenas objeto de uso, mas experiência encarnada. Ela atravessa o corpo, organiza o espaço e se funde com o lugar. Na escassez, produziu união; na gestão compartilhada, produziu identidade; no lugar, produziu memória.

Assim, a construção do lugar no bairro Colônia Antônio Aleixo não pode ser compreendida apenas pela expansão territorial ou pelo crescimento demográfico. Ela se dá na relação sensível entre corpo, água e comunidade. O espaço tornou-se lugar porque foi vivido, sentido e compartilhado. E a água, considera-se não apenas um elemento físico, tornando-se a expressão ativa dos moradores em forma de linguagem silenciosa de pertencimento.

Com isso, a análise dos relatos evidencia-se que a água emerge, em todas as narrativas, como eixo estruturante da construção do lugar.

Nos mapas mentais, observa-se que os poços, o Lago do Aleixo, o Igarapé da Lenha e as instituições vinculadas à gestão da água ocupam posições centrais. Essa centralidade não é meramente espacial é existencial. Aquilo que aparece no centro da representação gráfica revela aquilo que ocupa o centro da experiência vivida.

3.1 A (re)construção do lugar

A (re)construção do lugar no bairro Colônia Antônio Aleixo, pode ser compreendida a partir de uma análise temporal que considera dois momentos fundamentais: o período anterior à construção dos poços artesianos e o período posterior à sua implementação. Esses marcos não representam apenas mudanças estruturais na oferta de água, mas transformações profundas na organização social, no crescimento demográfico e na expansão territorial do bairro.

Antes da construção dos poços, o acesso à água se dava de forma limitada e, muitas vezes, precária, condicionando o modo de habitar e restringindo possibilidades de permanência e crescimento. Nesse contexto, o espaço era vivenciado sob a lógica da escassez, o que influenciava diretamente as dinâmicas cotidianas e as relações comunitárias.

Com a implementação dos poços e a consolidação da Associação de Água, observa-se uma reconfiguração do bairro. A garantia de abastecimento promoveu

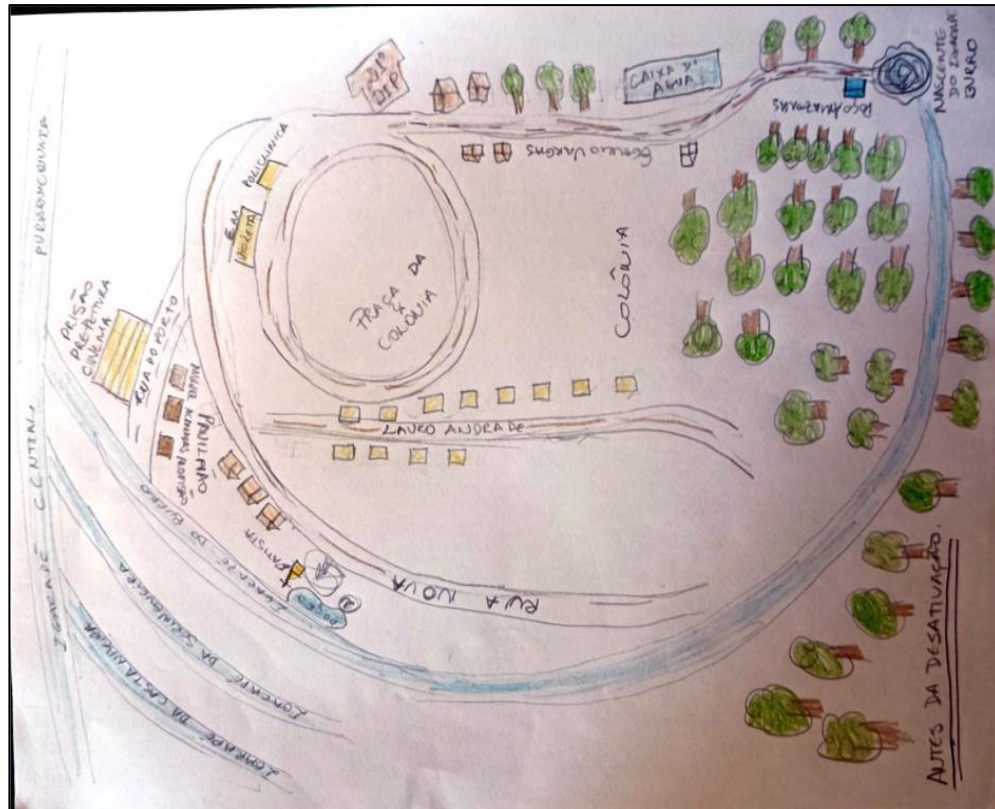
maior fixação da população, estimulou novas construções e ampliou a ocupação territorial, no início contavam somente com um poço que abastecia todo bairro Colônia Antônio Aleixo, atualmente ampliaram para 37 poços. O que antes era um espaço marcado pela vulnerabilidade passou a se reorganizar em torno de uma estrutura coletiva do gerenciamento da água, fortalecendo laços comunitários e promovendo identidade local.

Os relatos evidenciam que o processo de construção do lugar não ocorreu de maneira linear, mas foi atravessado por rupturas, exclusões e reorganizações. A experiência da internação compulsória, a dor da separação familiar, a perda do trabalho e o estigma social marcaram profundamente a história dos moradores mais antigos. Entretanto, é justamente nesse contexto de fragilidade que emerge a reconstrução do sentido de existir. A água aparece como eixo estruturador dessa reconstrução.

Nos relatos de Pedro Borges 71 anos, Raimundo 82 anos, Benedito Passos 77 anos e Nildo Rocha 60 anos, assume a dimensão de memória e resistência. Nos testemunhos de Seu Cleudo Souza 56 anos e José Lourenço 57 anos, revela-se como organização comunitária e ética do cuidado. Com a Sr.^a Neuza Colares 54 anos, transforma-se em fundamento de um projeto educacional e social.

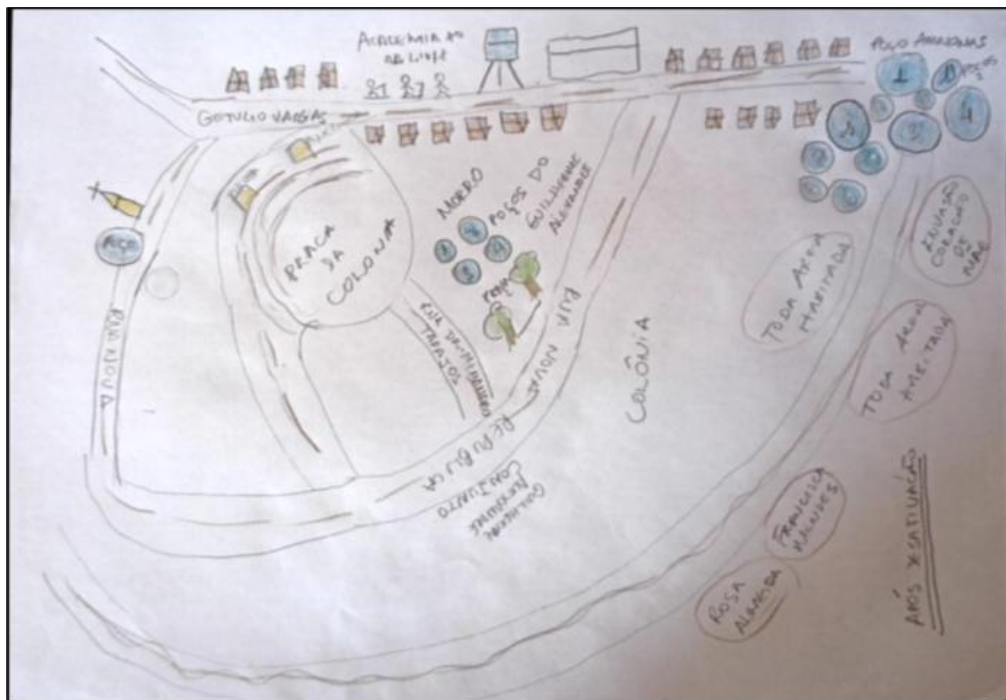
No caso do Sr. Raimundo de Carvalho (54 anos), manifesta-se como topofilia, horizonte e continuidade biográfica. Nos mapas mentais, essa experiência tende a se manifestar pela centralidade do Lago do Aleixo e pela ênfase nos elementos naturais. Diferentemente de representações puramente técnicas, sua cartografia afetiva destaca aquilo que está em risco. O lago desenhado não é apenas forma geográfica; é memória ameaçada. As figuras 2, 3, 4, 5 e 6, referem-se aos mapas mentais produzidos pelos entrevistados.

Figura 02: Mapa Mental antes da desativação do leprosário



Fonte: Pedro Borges (2024).

Figura 03: Mapa mental depois da desativação do leprosário



Fonte: Pedro Borges (2024).

A leitura comparativa dos dois mapas mentais um representando o período anterior à desativação e outro posterior revela não apenas transformações físicas na paisagem do bairro Colônia Antônio Aleixo, mas, sobretudo, uma reconfiguração existencial do lugar. Sob a perspectiva fenomenológica, o que se evidencia não é apenas a alteração da materialidade espacial, mas a mudança no modo como o espaço é vivido, significado e apropriado pelos moradores.

No primeiro mapa, anterior à desativação, observa-se a forte presença da natureza preservada: maior quantidade de árvores, igarapés destacados em azul e apenas dois poços localizados na área central do bairro. A água aparece como elemento natural, integrada à paisagem, marcando a relação direta entre comunidade e ambiente. Nesse contexto, a representação revela um espaço ainda profundamente vinculado à dinâmica natural, onde os igarapés desempenhavam papel central na organização da vida cotidiana.

Entretanto, no segundo mapa mental, posterior à desativação, percebe-se uma transformação significativa. Há redução da vegetação, aumento expressivo do número de casas e expansão da malha urbana. Os poços, antes restritos ao núcleo central, multiplicam-se e espalham-se pelo bairro. A água deixa de ser representada apenas como curso natural e passa a assumir forma construída, organizada e coletiva.

Essa mudança não indica somente expansão demográfica, mas a reconstrução do lugar a partir da experiência da falta e da necessidade. A desativação marcou um momento de ruptura, uma travessia de dor, mas também desencadeou processos de organização e fortalecimento comunitário. Assim, os poços passam a simbolizar não apenas infraestrutura hídrica, mas resistência, autonomia e identidade coletiva.

Na perspectiva de Yi-Fu Tuan (2013, p.175), “O espaço se transforma em lugar quando é investido de valor e significado pela experiência humana.” Nos mapas analisados, percebe-se claramente esse processo: o território físico se altera, mas é a ação humana a organização em torno da água que funda o novo sentido do lugar. A água, antes elemento natural abundante, torna-se elemento simbólico estruturante da reconstrução social.

A fenomenologia compreende o espaço como existencial, vivido e sentido. Nesse sentido, os mapas mentais não são meras representações cartográficas; são expressões da consciência e da memória. Eles revelam aquilo que foi significativo para os moradores em cada período histórico. No “antes”, a natureza e os igarapés dominam a cena; no “depois”, os poços e as casas ocupam centralidade, indicando

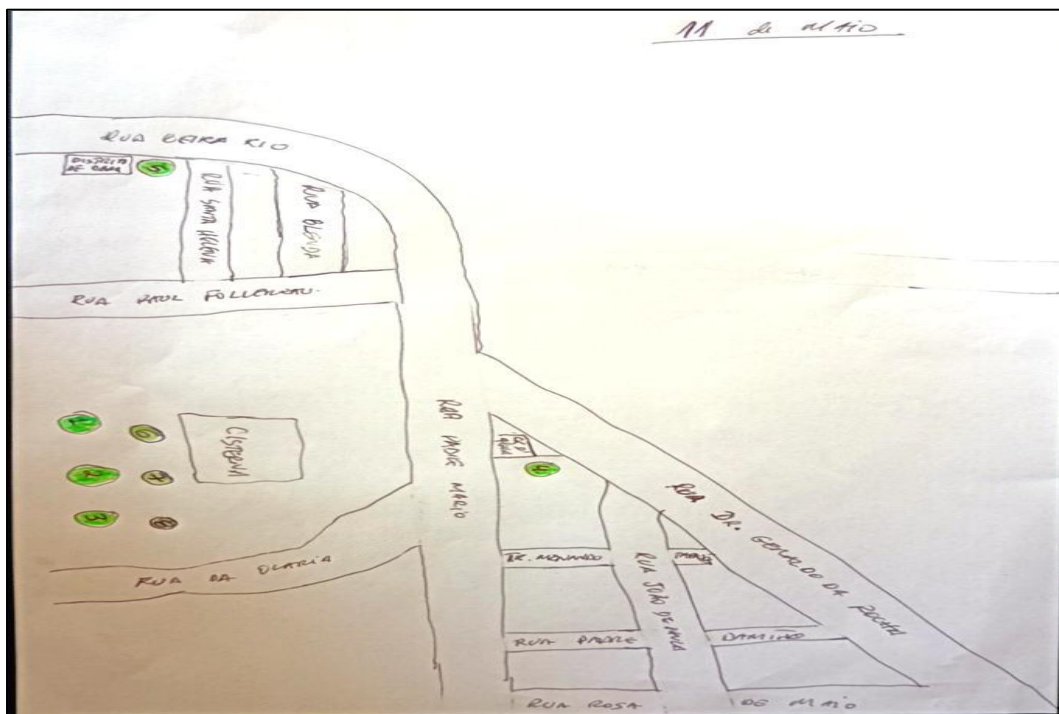
que o eixo estruturador do bairro se desloca da paisagem natural para a organização comunitária em torno da água.

Assim, os poços emergem como marco simbólico da travessia: da exclusão à autonomia, da dor à potência. Eles materializam a capacidade da comunidade de reconstruir seu lugar por meio da coletividade. A expansão urbana, embora revele a diminuição da natureza preservada, também demonstra a consolidação do bairro como espaço habitado, apropriado e reconhecido como lar.

Dessa forma, os mapas mentais evidenciam que o lugar Colônia Antônio Aleixo não é estático; ele é resultado de processos históricos e existenciais. A água, em suas múltiplas formas igarapé, poço, gestão comunitária permanece como elemento estruturante da identidade local.

Mais do que transformação paisagística, o que se observa é a constituição de um lugar reconstruído pela experiência compartilhada, onde a água deixa de ser apenas recurso natural e se torna símbolo de pertencimento, resistência e continuidade.

Figura 04: localização das cisternas (complexo 11 de maio)



Fonte: Raimundo Carvalho 2024.

Figura 05: Localização do Lago do Aleixo



Fonte: Raimundo Carvalho 2024.

Os dois mapas mentais elaborados pelo Sr. Raimundo evidenciam uma relação que ultrapassa a organização espacial e alcança o campo afetivo. Sua representação pode ser compreendida à luz do conceito de topofilia, desenvolvido por Yi-Fu Tuan, entendido como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar.

No primeiro mapa, referente ao período anterior à sua moradia no bairro Colônia Antônio Aleixo, observa-se a centralidade do lago e do igarapé da Lenha. A água ocupa posição dominante na representação, enquanto outros elementos aparecem de forma secundária. Essa escolha não é casual. Ela revela que sua experiência espacial está profundamente enraizada na paisagem hídrica.

A topofilia manifesta-se aqui como vínculo afetivo com o ambiente natural. O lago e o igarapé não são apenas referências geográficas; são lugares de vida, memória e identidade. A água estrutura sua experiência de mundo, configurando o que a fenomenologia compreende como espaço vivido aquele que é sentido antes mesmo de ser racionalizado.

No segundo mapa, já no bairro Colônia Antônio Aleixo, a representação se amplia para incluir ruas, casas, os poços e o local de trabalho (CSELA). A água permanece presente, mas agora associada à gestão comunitária e à organização social. O Sr. Raimundo não apenas habita o lugar, mas participa ativamente de sua construção, especialmente na administração relacionada aos poços.

Nesse ponto, a topofilia não desaparece; ela se transforma. O vínculo afetivo com a água desloca-se da vivência predominantemente natural para uma vivência social e coletiva. A água continua sendo elemento estruturador, mas assume nova dimensão simbólica: torna-se também expressão de responsabilidade e pertencimento comunitário.

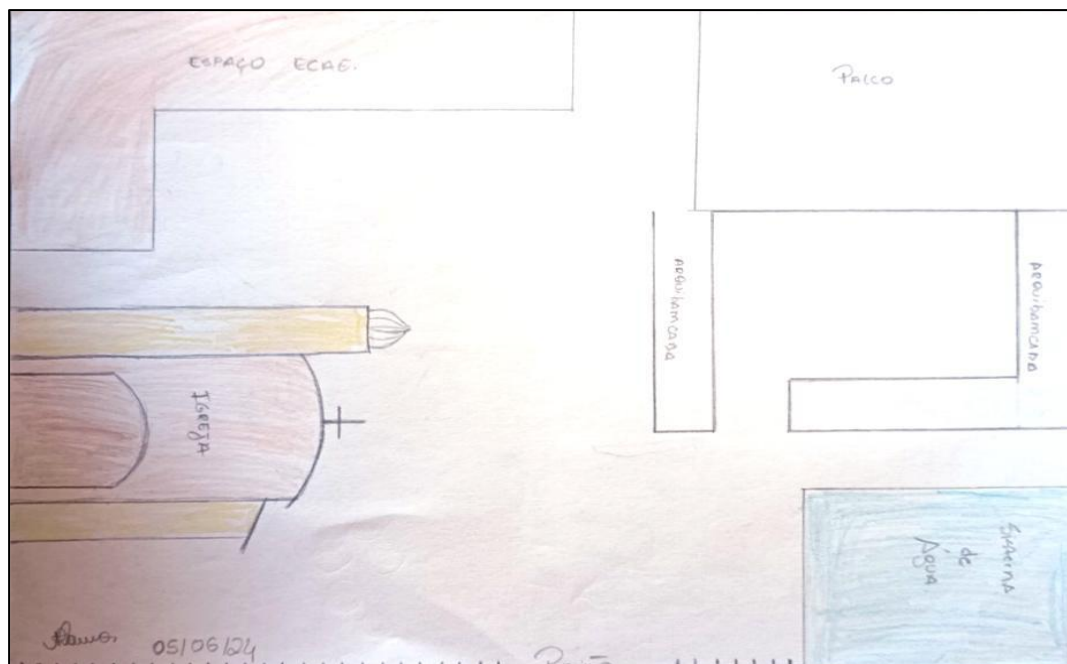
Um aspecto particularmente revelador dessa topofilia é sua decisão de morar novamente próximo ao lago após a separação conjugal. Esse movimento espacial é também um movimento existencial. O fato de acordar diariamente e direcionar seu olhar ao lago e ao rumo do igarapé da Lenha demonstra que o vínculo afetivo com a paisagem hídrica permanece ativo e estruturante.

Para Tuan (2013,p.176), o lugar adquire significado quando é investido de valor emocional. No caso do Sr. Raimundo, o lago funciona como horizonte simbólico de sua vida. Ele não representa apenas uma paisagem, mas uma continuidade identitária. A topofilia manifesta-se como reenraizamento: mesmo diante de rupturas pessoais e territoriais, o vínculo com a água sustenta sua sensação de pertencimento.

Assim, seus mapas mentais revelam que o lugar não é apenas onde se mora, mas onde se reconhece a si mesmo. A água, seja no igarapé da Lenha, no lago ou nos poços do bairro, constitui o fio condutor de sua trajetória. Ela conecta passado, presente e ação coletiva.

Dessa forma, a análise sob a perspectiva da topofilia demonstra que o Sr. Raimundo não apenas ocupa o espaço da Colônia Antônio Aleixo; ele o sente, o constrói e o reafirma diariamente por meio de seu vínculo afetivo com a água. O lago, nesse contexto, torna-se símbolo de continuidade, memória e identidade expressão concreta do amor pelo lugar.

Figura 06: Estrutura do ECAE (terreno da igreja católica)



Fonte: Neuza Colares (2024).

O mapa mental elaborado por Neuza revela uma representação profundamente afetiva e simbólica do espaço da igreja, evidenciando-o não apenas como edificação física, mas como lugar de formação, acolhimento e construção de sentido. Ao destacar o espaço do ECAE como núcleo do trabalho educativo, bem como o palco, as áreas de acolhimento e a caixa d'água, Neuza demonstra que a água permanece como elemento estruturante da vida comunitária, articulando o cuidado material à dimensão espiritual e pedagógica.

Sua representação indica que o espaço é vivido e significado a partir das práticas cotidianas de educação, fé e convivência, configurando-se como lugar de identidade e pertencimento. Assim, o mapa reafirma que a reconstrução do bairro não se deu apenas pela infraestrutura, mas pelas relações humanas que ali se tecem, onde a água, mediada pelo trabalho educativo e comunitário, transforma o espaço em experiência, memória e toponímia.

Os mapas mentais elaborados a partir das narrativas, permitem visualizar essa transformação: o bairro se expande não apenas em extensão física, mas, em densidade simbólica. A água, nesse processo, deixa de ser apenas necessidade básica e passa a atuar como eixo organizador da reconstrução do lugar.

Essa multiplicidade de sentidos converge para uma mesma compreensão: a água ultrapassa sua condição de recurso natural e se converte em fundamento

simbólico do lugar. Nas figuras 7, 8, 9 e 10 a estrutura física do ECAE, e as atividades desenvolvidas por meio dos benefícios pagos pelo gerenciamento de água.

Figura 07: ECAE



Figura 08: atividades infantis



Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 09: reforço escolar



Figura 10: palestras



Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 11: projeto de música



Figura 12: projeto jiu-jitsu



Fonte: trabalho de campo (2024).

Essas atividades são desenvolvidas no ECAE. Proporcionando a comunidade da Colônia Antônio Aleixo, entretenimento, educação e esporte.

3.2 Os poços como elemento significativo na identidade do lugar

Nos mapas mentais elaborados pelos moradores, os poços emergem não apenas como infraestruturas de captação de água, mas como elementos profundamente significantes na construção da identidade do lugar. Ao serem desenhados, destacados e narrados, eles revelam a centralidade da água na organização do cotidiano, nas relações de vizinhança e no sentimento de pertencimento ao território.

O poço, nesse contexto, deixa de ser um objeto técnico e passa a configurar-se como marco simbólico da autonomia, da memória coletiva e da resistência comunitária. Ele estrutura percursos, encontros e práticas, funcionando como referência espacial e afetiva que orienta a experiência vivida. Assim, nos mapas mentais, os poços condensam valores, histórias e sentidos, expressando a geograficidade do lugar ao traduzirem a relação íntima entre sujeito, água e território, reafirmando a identidade construída a partir da vivência e do cuidado compartilhado com esse recurso essencial. Nas figuras 13,14, 15, 16 os poços do bairro Colônia Antônio Aleixo.

Figura 13: Colônia Antônio Aleixo

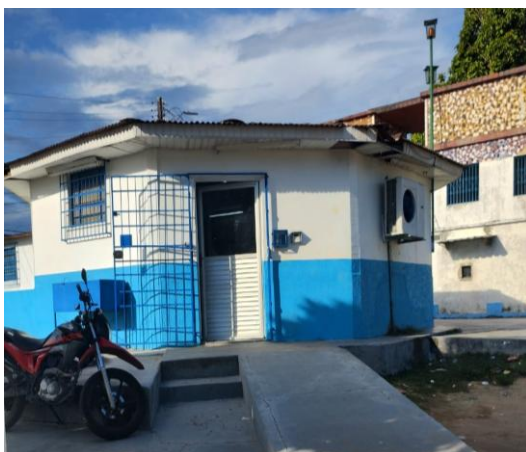


Figura 14: Conj. Guilherme Alexandre



Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 15: Área do Buritizal**Figura 16:** Poço Amazonas

Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 17: Área externa Buritizal**Figura 18:** Área externa Conj. Guilherme Alexandre

Fonte: trabalho de campo (2024).

O espaço, portanto, torna-se lugar, quando responde às necessidades existenciais do sujeito. Como demonstrado nas narrativas, o pertencimento nasce do trabalho compartilhado, da luta pela autonomia, do cuidado cotidiano e da memória incorporada à paisagem.

A ameaça constante de perda da gestão comunitária da água, intensifica ainda mais esse vínculo. O medo da expropriação não enfraquece o lugar; ao contrário, reforça a consciência de sua fragilidade e fortalece a lealdade dos moradores. O que está em jogo não é apenas a administração de um serviço, mas a preservação de uma história construída coletivamente. No quadro 1 em síntese o quantitativo de poços no Bairro da Colônia Antônio Aleixo.

Quadro 01: Quantitativo dos poços

Quadro descritivo: nomes dos complexos e os quantitativos de poços do bairro Colônia Antônio Aleixo (Manaus, AM).	
Bairro/Complexo	Quantidade de Poços
Colônia Antônio Aleixo e Buritizal	12
Bairro da Fé 1	05
Bairro da Fé 2	02
Bairro 11 de Maio	08
Nova Esperança	06
Bairro Colônia Antônio Aleixo/Conjunto Guilherme Alexandre	04
Total de poços na área de pesquisa	27
Total geral de poços	37

Fonte: Trabalho de campo (2025). **Elaboração:** a autora (2025).

Fenomenologicamente, compreende-se que: O corpo é o mediador da experiência do espaço; A água é o elemento que organiza essa experiência; A memória inscreve-se na paisagem; A comunidade sustenta o sentido do lugar.

Os mapas mentais confirmam essa leitura fenomenológica. Neles, o Lago do Aleixo, o Igarapé da Lenha, os poços comunitários e a Associação de Água ocupam posições centrais. A espacialidade representada não obedece prioritariamente a critérios administrativos ou geométricos, mas a critérios afetivos. Aquilo que sustenta a vida é aquilo que organiza a representação.

Assim, o bairro Colônia Antônio Aleixo não é apenas resultado de um processo urbano ou histórico, mas a expressão de uma construção existencial contínua. Ele se mantém vivo porque é habitado por sujeitos que reconhecem nele sua própria história.

A água, nesse contexto, não apenas abastece casas, ela sustenta identidades, preserva memórias e fundamenta projetos de futuro.

É nesse entrelaçamento, entre corpo, água e comunidade que o espaço se converte definitivamente em lugar.

Essa multiplicidade de sentidos converge para uma mesma compreensão: a água ultrapassa sua condição de recurso natural e se converte em fundamento simbólico do lugar.

3.3 O olhar dos moradores do bairro colônia Antônio Aleixo

Durante o desenvolvimento da pesquisa e a aplicação dos instrumentos metodológicos (entrevistas semiestruturadas, observação direta e prática de campo), emergiu um aspecto fundamental: para os moradores, a questão central não era apenas a gestão da água, mas as relações sociais e a geografia-histórica subjacente, à construção desse sistema comunitário. Inicialmente, buscava-se compreender o funcionamento técnico e administrativo do abastecimento de água, investigando as razões que levaram a comunidade a assumir essa gestão. Muitos entrevistados relataram o temor de perder o controle sobre o recurso, temendo um aumento tarifário e a precarização do serviço por parte da concessionária.

Um dos entrevistados, o senhor Nildo Rodrigues da Rocha, morador há mais de 40 anos, destacou que, após a desativação do leprosário, os moradores passaram a pagar um valor simbólico de R\$ 40,00 mensais por uma água de qualidade, sem sofrer com desabastecimento. Seu receio, compartilhado por outros moradores, era de que, caso a atual concessionária assumisse o serviço, o custo aumentaria significativamente e a oferta se tornaria instável.

A princípio, essa narrativa parecia refletir a principal motivação da comunidade. No entanto, conforme novas entrevistas eram conduzidas, foi possível perceber que havia um aspecto mais profundo e subjetivo envolvido na gestão da água. Entrevistas com antigos e atuais gestores dos poços comunitários, como o Sr. Edivaldo Barreto 62 anos, atual gestor do poço comunitário, do Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA) e Cleudo Assunção Souza 56 anos, ex-gestor do poço Amazonas, trouxeram contribuições essenciais sobre o funcionamento técnico e administrativo do sistema. Esses relatos forneceram um panorama detalhado da organização e distribuição da água.

A interpretação conjunta das entrevistas e dos mapas mentais revela que o bairro Colônia Antônio Aleixo se constitui como lugar não apenas por sua delimitação territorial, mas por um processo histórico, existencial e coletivo, no qual a água emerge como elemento estruturador da identidade, da memória e do pertencimento.

O Sr. Edivaldo Barreto 62 anos, enxergar a água como projeto coletivo, no seu relato a água aparece como ponto de inflexão entre sobrevivência e transformação social. Seu protagonismo na organização da Associação de Água CSELA e na criação de projetos como o ECAE demonstra que a gestão comunitária ultrapassa a dimensão técnica e se converte em ação intencional sobre o mundo.

No relato do Sr. Nildo Rocha 60 anos, a água aparece como paisagem que sofre, adoece e resiste. Quando ele afirma estar “vendo o lago morrer”, sua fala não expressa apenas uma preocupação ambiental, mas uma dor existencial. O lago não é, para ele, um elemento externo da paisagem é parte constitutiva de sua história.

Sua narrativa evidencia aquilo que Yi-Fu Tuan chama de consciência da fragilidade do lugar amado. O medo de perder o lago seja pela degradação ambiental, seja pela perda da autonomia sobre a água intensifica o vínculo afetivo. A paisagem, nesse caso, torna-se testemunha da história e da resistência.

A análise das entrevistas, associada aos mapas mentais elaborados pelos moradores, revela que o bairro Colônia Antônio Aleixo não se constitui apenas como território delimitado, mas como lugar vivido, estruturado pela memória, pela experiência corporal e pela luta coletiva em torno da água.

Para o Sr. Cleudo Souza 56 anos, a água aparece como responsabilidade compartilhada e como expressão concreta de autonomia. Sua narrativa enfatiza o esforço coletivo na construção, manutenção e administração dos poços. Diferentemente de uma visão meramente técnica, ele compreende a gestão da água como conquista histórica da comunidade. Ele sente orgulho pelo que foi construído com as próprias mãos. Essa dimensão do fazer do trabalho encarnado revela que o pertencimento nasce da participação ativa. O espaço torna-se lugar quando o sujeito nele investe sua força, seu tempo e sua responsabilidade.

Nos mapas mentais, essa experiência tende a se manifestar pela centralidade dos poços e da associação comunitária. A espacialidade representada revela uma organização que parte da água e se expande para as casas, ruas e instituições. O desenho não é neutro: ele evidencia que o lugar se estrutura a partir do sistema comunitário de abastecimento.

Nos relatos do Sr. Pedro Borges e do Sr. Raimundo, a água aparece vinculada à história da compulsoriedade, à exclusão e à reorganização da vida. Os primeiros poços especialmente o Poço Amazonas não são apenas infraestruturas hidráulicas;

são marcos fundadores do lugar, nesse momento a água aparece como memória e resistência.

Nos mapas mentais, esses pontos funcionam como âncoras da memória coletiva. A representação espacial coincide com a narrativa histórica: a paisagem é desenhada como memória materializada. Assim, a água torna-se monumento vivo, substituindo os marcos oficiais por marcas comunitárias.

O Sr. Raimundo e o Sr. Benedito Passos, o lugar é reconstruído após a ruptura a água aparece como uma reconstrução existencial. A internação compulsória fragmenta a identidade, mas o trabalho, o lago e os poços permitem a reinscrição do corpo no mundo. A água como reconstrução existencial.

Nos mapas mentais desses sujeitos, observa-se a presença de trajetórias: caminhos, deslocamentos, ligações entre lago, casa e espaços de trabalho. O lugar não aparece como ponto fixo, mas como percurso vivido. A representação cartográfica expressa a fenomenologia do movimento, o espaço torna-se lugar quando é atravessado pelo corpo.

Nos relatos do Sr. José Lourenço e da Sra. Neuza Colares, a água assume dimensão organizadora e relacional, como ética e pertencimento. Ela sustenta a Associação, financia projetos sociais, estrutura vínculos e consolida identidade coletiva.

Nos mapas mentais, aparecem associações, escolas, igrejas e espaços comunitários articulados aos poços. A água deixa de ser apenas natureza e passa a ser uma rede de conexões. A espacialidade representada demonstra que o lugar é construído pela circulação de responsabilidades e afetos.

No relato do Sr. Raimundo de Carvalho Moreira (54 anos), a água é horizonte, abrigo e continuidade, a água como topofilia. Seu mapa mental provavelmente revela o lago como referência visual e afetiva. O gesto de olhar o horizonte não é apenas contemplação paisagística; é reconhecimento de si.

Aqui se manifesta claramente a topofilia: o sentimento que associa corpo e lugar. O espaço representado graficamente coincide com o espaço interior vivido.

A partir das entrevistas e dos mapas mentais, percebe-se que: O lugar é construído pela experiência corporal. A água organiza o cotidiano, a memória e a identidade. A gestão comunitária fortalece o sentimento de pertencimento. A ameaça de perda da autonomia intensifica o vínculo afetivo. A paisagem desenhada reflete a paisagem vivida.

Os mapas mentais revelam que o bairro não é representado prioritariamente por limites administrativos, mas por marcos afetivos: lago, poços, associação, igreja, escola. Isso confirma a perspectiva fenomenológica de que o espaço existencial é estruturado por aquilo que responde às necessidades e aos sentidos do sujeito.

Assim, o bairro Colônia Antônio Aleixo se constitui como lugar porque: Foi vivido no corpo (doença, trabalho, travessia, cuidado); foi narrado na memória (história da compulsoriedade e resistência); foi desenhado na representação (mapas mentais que centralizam a água);

E continua sendo defendido como projeto coletivo de autonomia. A água, portanto, não é apenas elemento físico. Ela é fundamento simbólico, histórico e existencial do lugar.

Nos relatos analisados, o espaço torna-se lugar quando o corpo encontra nele reconhecimento, quando a memória se inscreve na paisagem e quando a comunidade assume a responsabilidade de cuidar daquilo que construiu.

A partir dos relatos, compreende-se que o lugar se constrói quando: O corpo sofre e ressignifica a dor; A comunidade organiza a sobrevivência; A memória se inscreve na paisagem; A água se torna fundamento de identidade

Ao observar os mapas mentais que foram apresentados, percebe-se que: O Lago do Aleixo e o Igarapé da Lenha surgem como referências estruturantes. Os poços comunitários aparecem como marcos centrais. A associação e os espaços sociais derivados da gestão da água organizam a representação espacial.

Esses mapas não são cartografias técnicas; são cartografias afetivas. Eles revelam que o centro do bairro não é definido por critérios administrativos, mas por aquilo que sustenta a vida: a água.

Posteriormente, entrevistas com moradores que residiam na Colônia Antônio Aleixo antes da desativação do leprosário revelaram uma nova dimensão do estudo. As narrativas indicavam que a gestão da água transcendia seu aspecto funcional e econômico. Inicialmente, a pesquisa se propunha a compreender a gestão da água a partir das memórias e vivências dos moradores.

No entanto, à medida que as entrevistas avançavam, tornou-se evidente que o fenômeno estava intrinsecamente ligado ao resgate da identidade e à afirmação do pertencimento. Assim, foi necessário reformular os objetivos do estudo-pesquisa para abarcar essa nova dimensão.

Nessa perspectiva o elemento água tratava-se de um elemento simbólico, associado a identidade e ao pertencimento na construção do lugar denominado de bairro Colônia Antônio Aleixo.

O bairro Colônia Antônio Aleixo se constrói como lugar, porque foi: Sofrido no corpo (doença, exclusão, ruptura); reconstruído pelo trabalho e pela gestão coletiva; Ressignificado pela água; Defendido como expressão de autonomia.

A água, em todas as narrativas, ultrapassa sua materialidade. Ela é memória, luta, cuidado, horizonte e identidade. Nos mapas mentais, essa verdade torna-se visível: o espaço desenhado é o reflexo do espaço vivido.

Assim, o lugar não nasce da simples ocupação territorial, mas da relação sensível entre corpo, água e comunidade. É nesse entrelaçamento que o bairro se mantém vivo e é por isso que sua gestão não é apenas administrativa, mas existencial. No bairro Colônia Antônio Aleixo, a água não é apenas recurso natural. Ela é memória coletiva, organização política, ética do cuidado, horizonte afetivo e projeto de futuro.

Os mapas mentais tornam visível aquilo que as entrevistas revelam em palavras: o espaço se transforma em lugar quando é vivido, sentido, defendido e compartilhado. É nesse entrelaçamento entre água, corpo e comunidade que o bairro continua existindo não apenas como território, mas como mundo vivido. Nas figuras 19,20,21,22,23 os entrevistados em suas atividades.

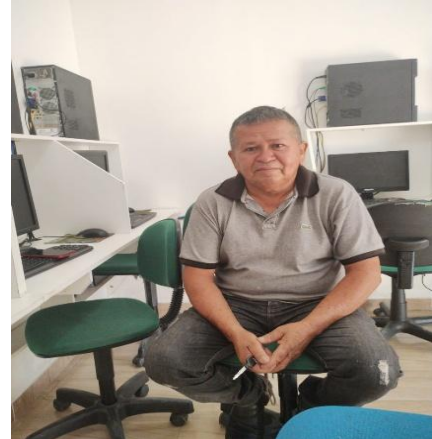
Figura 19: Raimundo Carvalho



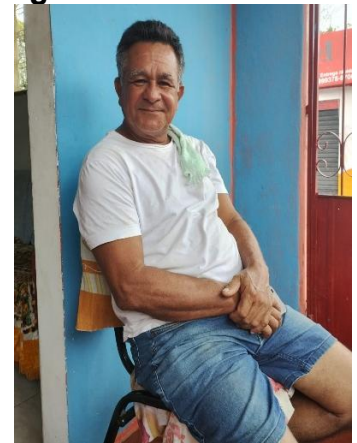
Figura 20: José Lourenço



Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 21: Sr. Borges**Figura 22: Cleudo Assunção**

Fonte: trabalho de campo (2024).

Figura 23: Edvaldo Barreto Figura 24: Benedito Passos Figura 25: Nildo Rocha

Fonte: trabalho de campo (2024).

Encerrar essa análise é reconhecer que, no bairro Colônia Antônio Aleixo, a água não apenas abastece casas, ela sustenta histórias, dignidades e modos de existir. É nela que a memória permanece fluida. É por meio dela que o lugar continua sendo reconstruído. Em destaque na figura 26 o CSELA.

Figura 26: CSELA

Fonte: trabalho de campo (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada capítulo construído ao longo dessa jornada, nasce do sentir e é atravessado por símbolos que se revelam nas percepções e nas experiências vividas. Pelo viés do método fenomenológico, o objeto deixou de ser algo apenas observado de fora e passou a integrar a própria experiência do vivenciar. Rompe-se, assim, com a visão dicotômica que fragmenta o mundo em “caixinhas”, para assumir uma postura de inserção no espaço, compreendendo o lugar a partir de dentro, como algo que se constrói na relação entre quem vive e aquilo que é vivido.

Este estudo buscou atender ao rigor científico exigido pela academia, mas sem silenciar aquilo que vem antes da própria ciência: o existir e o modo de ser-no-mundo. Ao compartilhar as experiências e transformações tanto minhas quanto dos entrevistados, evidencia-se que não há separação entre sujeito e objeto; o pesquisador é presença, é corpo, é história implicada no espaço que investiga. Vivenciar esses últimos anos junto aos personagens não foi apenas um percurso metodológico, mas um processo de transformação pessoal, de ruptura com antigas estruturas de pensamento e essa transformação também constitui o próprio fazer científico.

Como provoca Dardel (2015, p. 23) “quem tem a razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno?” Dardel, interroga se a razão está na ciência que reduz o mundo a mecanismo ou na experiência vivida, que se apropria do mundo ao nível do fenômeno? compreende-se que o sentido mais profundo da pesquisa não está na redução, mas na relação. A ciência não é negada, mas enraizada na experiência. Compreender o mundo, portanto, é habitá-lo, deixar-se afetar por ele e reconhecer que conhecer também é transformar-se no encontro com o lugar.

Para Dardel (2015, p. 67), “a terra não é a origem; ela não está no começo da vida e do Ser. Ela é uma obra, uma criação. Ela não é por si mesma mais que uma substância “informe e vazia” do Caos, “abismo” e trevas; espaço antes do espaço.”

Desse modo, compreender a Terra nessa perspectiva é reconhecer que ela não é apenas cenário onde a vida acontece, mas dimensão constitutiva do próprio existir. É na relação sensível, cotidiana e histórica com ela que o espaço deixa de ser vazio e se transforma em lugar, carregado de sentido. A Terra, enquanto criação que se atualiza na experiência, revela que o mundo não está pronto e acabado, mas é

continuamente tecido pelas práticas, memórias e afetos daqueles que o habitam. Assim, existir é também participar dessa obra permanente, onde homem e Terra se implicam mutuamente na construção do significado do mundo.

Através deste estudo de pesquisa sobre a água e os moradores, é possível compreender que a água, assim como a Terra em Dardel, não é apenas um elemento físico ou um recurso natural. Ela se torna mundo na medida em que é vivida, compartilhada, disputada, cuidada. Antes de ser objeto de gestão ou dado estatístico, a água é experiência cotidiana: é o balde carregado, a espera, a organização comunitária, o medo da falta, a memória das conquistas.

Nesse sentido, a água deixa de ser “substância” e passa a ser relação. Ela estrutura o tempo, o corpo e o território dos moradores. O espaço do bairro não é apenas um recorte cartográfico, mas um lugar que se constrói na luta pela permanência e pela autonomia sobre a água. Assim, essa pesquisa mostra que o território não está pronto: ele é continuamente criado na interação entre os moradores e esse elemento vital. A água, os poços então, não são apenas objeto de estudo, ela é mediadora da existência, da identidade e do modo de ser-no-mundo dessas pessoas. E é nesse entrelaçamento que essa investigação encontra sua força fenomenológica: compreender a água é compreender a vida que se organiza a partir dela.

Dentro desse horizonte, abre-se um campo fértil para aprofundar a investigação a partir de uma linha do tempo que atravessasse as gerações desde os antigos moradores do tempo da Colônia até aqueles que chegaram após a consolidação do bairro Colônia Antônio Aleixo. Essa continuidade permitirá compreender se a experiência com a água, enquanto elemento simbólico e estruturante do lugar, mantém a mesma densidade de sentido ou se foi ressignificada pelas transformações sociais, espaciais e históricas. Investigar se os novos moradores compartilham da mesma compreensão de lugar e da mesma vivência com a água é também investigar como a memória, o pertencimento e a identidade se constroem ou se enfraquecem ao longo do tempo.

Outra abertura que se desenha nesta análise toca uma dimensão ainda mais sensível: o que aconteceria com essas experiências e vínculos caso o Estado assumisse a gestão desses espaços e práticas? Seria possível manter viva a memória construída no cotidiano, o cuidado partilhado e os sentidos que brotam da convivência com a água e com o território? Ou correria-se o risco de uma nova ruptura, semelhante àquela vivenciada no tempo da compulsoriedade, quando decisões externas

atravessaram trajetórias e reconfiguraram identidades? Essa reflexão não busca negar a importância das políticas públicas, mas indagar se elas conseguiriam acolher a história, os afetos e as marcas simbólicas que sustentam o pertencimento. Porque identidade não se administra apenas por decretos; ela se tece na experiência, na lembrança e na permanência. Assim, pensar essa possibilidade é também cuidar para que nenhuma nova intervenção apague, ainda que silenciosamente, aquilo que foi construído com resistência, memória e água.

Assim, este estudo não se encerra, mas se abre. Ele reafirma que o lugar é processo, que a água é relação e que a pesquisa é travessia. Se no início havia apenas o desejo de compreender, ao final permanece a consciência de que compreender é também continuar perguntando. A experiência aqui vivida demonstra que a geografia, quando enraizada na fenomenologia, não busca apenas respostas definitivas, mas cultiva o compromisso com o sentido do existir no mundo reconhecendo que cada geração reinscreve sua própria marca na Terra e recria, à sua maneira, o significado de habitar.

REFERÊNCIA

CSELA. CENTRO SOCIAL E EDUCACIONAL DO LAGO DO ALEIXO. **Programa Água Para todos: 11 de maio**. 2008. Documento normativo. Disponibilizado em PDF pela própria entidade.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Maria Ângela Coelho de Aguiar Veloso. São Paulo: Editora Ática, 2. ed., 2013. 424 p. (Original publicado em 1974).

LAKATOS, Eva María. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. Ed. – São Paulo : Atlas 2003.

MANZINI, J. E. **Entrevista semi-estruturada**. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 141-164, 2004. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf

MERLAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. **Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes**, 1999. TUAN, Yi-Fu. 1930- Espaço e lugar: a perspectiva da experiência; tradução: Livia de Oliveira. - Londrina: Edue, 2013. 248p.:il.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental: Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Christian Dannys Monteiro de. **Sentidos da Geografia escolar**. Fortaleza: Edição UFC, 2009. (Coleção Estudos Geográficos, n.5) Disponível em: <https://www.ppgeografia.ufc.br/images/sentidosdageografia.pdf>. Acesso em: 10/011/2024.

TRIVINOS, A. M. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 146.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982. DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Unesp, 2006.

TUAN, Yi-Fi : **um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** / Yi-Fi Tuan : Tradução: Livia de Oliveira – Londrina : Edue, 2012.

ANEXO 1- ROTEIRO DAS ENTREVISTA REALIZADA EM CAMPO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Comunidade: Bairro Colônia Antônio Aleixo, Manaus -Am

PESQUISA-ESTUDO: A ÁGUA COMO ELEMENTO SIMBÓLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DOS MORADORES DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO MANAUS-AM.

Este roteiro de entrevista semiestruturado foi elaborado com o objetivo de compreender, a partir das narrativas dos moradores, como se deu o processo de construção do lugar no bairro Colônia Antônio Aleixo, considerando a água como elemento simbólico, histórico e estruturante das relações sociais, da identidade e do pertencimento.

A entrevista é organizada por eixos temáticos, mas mantém caráter aberto e flexível, permitindo que o(a) entrevistado(a) desenvolva suas respostas livremente, acrescentando memórias, sentimentos e experiências que considere significativas. O roteiro serve como orientação para a conversa, podendo as perguntas ser adaptadas conforme o fluxo da narrativa, respeitando o tempo, a sensibilidade e a singularidade de cada participante.

Busca-se valorizar o conhecimento vivido, as memórias individuais e coletivas, bem como as representações do lugar expressas nas falas e, quando pertinente, nos mapas mentais elaborados. Assim, a entrevista não se limita a levantar informações factuais, mas pretende acessar os sentidos atribuídos ao espaço, compreendendo como ele é vivido, sentido e transformado em lugar ao longo do tempo.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Eixo 1. Identificação e trajetória no bairro

1. Qual é o seu nome e há quanto tempo mora no bairro Colônia Antônio Aleixo?
2. Como foi sua chegada aqui? O que lembra desse momento?
3. O que motivou sua permanência no bairro?

Eixo 2. Memória e formação do lugar

1. Como era o bairro quando o(a) senhor(a) chegou?
2. Quais eram as maiores dificuldades naquele período?
3. O que mudou ao longo dos anos?
4. Existem acontecimentos marcantes que ajudaram a transformar o bairro?

Eixo 3. A água como vivência cotidiana

1. Como era o acesso à água no início?
2. O que os poços representavam para a comunidade naquele período?
3. Como era o uso da água no dia a dia?
4. Houve momentos de escassez ou dificuldade? Como a comunidade reagiu?
5. Hoje, o que mudou em relação à água?

Eixo 4. Organização e coletividade

1. Como surgiram as iniciativas de organização em torno da água?
2. Quem foram as pessoas importantes nesse processo?
3. O que significou para o bairro a conquista da gestão comunitária da água?
4. A água uniu as pessoas? De que forma?

Eixo 5. Identidade e pertencimento

1. O que o bairro significa para o(a) senhor(a)?
2. O(a) senhor(a) se sente pertencente a este lugar? Por quê?
3. Se tivesse que definir o bairro em uma palavra ou imagem, qual seria?
4. A água faz parte da identidade do bairro? Como?

Eixo 6. Mapas mentais e representação

1. Ao desenhar o mapa do bairro, o que o(a) senhor(a) considerou mais importante colocar?
2. Por que escolheu representar esses elementos?
3. O que não poderia faltar nesse mapa?
4. O que esse mapa revela sobre sua relação com o lugar?

Eixo 7. Futuro e continuidade

1. Como o(a) senhor(a) imagina o futuro do bairro?
2. A nova geração compreende a importância da água para a história do lugar?
3. O que precisa ser preservado para que o bairro mantenha sua identidade?